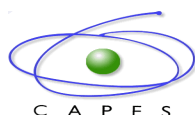


UNISINOS - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior



LISETE SILVA ALMEIDA

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS HABILIDADES SOCIAIS
DE CRIANÇAS ENVOLVIDAS NO *BULLYING*

SÃO LEOPOLDO

2012

LISETE SILVA ALMEIDA

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS HABILIDADES SOCIAIS
DE CRIANÇAS ENVOLVIDAS NO *BULLYING*

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em Psicologia
pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos
Sinos - UNISINOS.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carolina Lisboa

SÃO LEOPOLDO

2012

A447i Almeida, Lisete Silva.
Uma investigação sobre as habilidades sociais de crianças envolvidas no
bullying / Lisete Silva Almeida. – 2012.
62 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, 2012.
"Orientadora: Profa. Dra. Carolina Lisboa."

1. *Bullying*. 2. Habilidades sociais. 3. Crianças. I. Título.

CDU 159.9

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos são dirigidos à todos que compartilharam comigo, durante estes dois anos, todo o meu empenho e dedicação.

Agradeço à minha orientadora, Carolina Lisboa, pelos conhecimentos teóricos e práticos, pelos gestos de encorajamento e pela confiança dispensada.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, pelas trocas de experiências e de carinho.

Agradeço, imensamente, pelas minhas colegas de trabalho, Ione Pedde, Luciane Taufer, Clair Oliveira e Glorete, por serem ótimas companhias, mulheres sensivelmente empáticas, amigas fiéis.

Agradeço à minha família, Leonardo Almeida, Ilma Almeida, Luciana Almeida, Valdir Azmus e, em especial, aos meus sobrinhos Nicolas Almeida e Gabriel Almeida, por vibrarem pelas minhas conquistas e entenderem minhas ausências.

Agradeço, em especial, à minha amiga Leila Zanella, pelos momentos de apoio mútuo e de incentivo. “Vamos lá Leiloca, força na peruca”!

Agradeço ao meu namorado Gilmar, pela força e compreensão.

Agradeço, também, ao meu “filho” Maomé, que a cada dia me ensina o verdadeiro dom de amar o próximo, transcendendo os limites da raça humana e animal. Obrigada “memé”, por ser tão pequenino e, ao mesmo tempo, tão especial!

RESUMO

O *bullying* é um fenômeno que perpassa todas as idades, classes sociais e raças, sendo considerado um problema social grave devido aos altos índices de prevalência e aos efeitos negativos que traz para o desenvolvimento psicossocial das vítimas e agressores. Estar envolvido em situações de *bullying* pode gerar prejuízos no desenvolvimento das habilidades sociais do indivíduo, comprometendo o aprendizado e as relações interpessoais. Pesquisas indicam que o contrário também pode ocorrer, uma vez que ter poucas habilidades sociais é um fator de risco para tornar-se uma vítima do *bullying*. Este estudo se propõe a investigar as habilidades sociais das crianças envolvidas no *bullying*. A seção I da dissertação, apresenta uma revisão sistemática da literatura que abrange o período de 2007 a 2010, sobre habilidades sociais e *bullying*. A seção II é composta por um estudo empírico que objetivou investigar as habilidades sociais de crianças vítimas, agressoras, vítimas-agressoras e crianças que apresentam comportamento pró-social. No que se refere a revisão de literatura, chama a atenção o fato de todos os artigos encontrados serem internacionais com uma tendência para os artigos empíricos e quantitativos. As habilidades sociais, em geral, estudadas foram: empatia, assertividade, autocontrole, responsabilidade e cooperação. O instrumento *SSRS - Social Skills Rating System* foi o mais utilizado e a maioria das publicações provém dos Estados Unidos. Demais países necessitam explorar este assunto, além de que pesquisas qualitativas merecem maior atenção. Quanto aos achados empíricos, as habilidades sociais encontram-se dentro da média, sendo que se a criança for agressiva está em risco para sofrer *bullying*. A partir deste estudo, espera-se que novas intervenções sejam implementadas nas escolas a fim de desenvolver e fortalecer as habilidades e competências dos alunos envolvidos.

Palavras-chave: *Bullying*, Habilidades Sociais, Crianças.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 HABILIDADES SOCIAIS E BULLYING: REVISÃO SISTEMÁTICA DE ARTIGOS INTERNACIONAIS PUBLICADOS ENTRE 2007 A 2010	7
1.1 INTRODUÇÃO.....	8
1.2 HABILIDADES SOCIAIS	9
1.3 MÉTODO	10
1.4	RESULTADOS
.....	11
1	
1.5 DISCUSSÃO.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23
2 UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS HABILIDADES SOCIAIS DE CRIANÇAS ENVOLVIDAS NO <i>BULLYING</i>	31
2.1 INTRODUÇÃO	32
2.2 HABILIDADES SOCIAIS E <i>BULLYING</i>	35
2.3 MÉTODO.....	37
2.3.1 Delineamento.....	37
2.3.2 Participantes	37
2.3.3 Instrumentos para a Coleta de Dados	37
2.3.4 Procedimentos	38
2.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

O fenômeno *bullying* é uma subcategoria do comportamento agressivo que envolve diferentes formas e funções de manifestação da agressividade (Little *et al.*, 2003; Olweus, 1995; Smith & Sharp, 1995). O tema *bullying* tem despertado a atenção de muitos pesquisadores nos últimos anos desde a década de 1970, especialmente com a realização dos estudos do professor Dan Olweus, na Noruega, apesar de não haver um interesse das instituições sobre o assunto naquela época (Lisboa *et al.*, 2009).

Hoje em dia, este tema chama a atenção cada vez da comunidade acadêmica e dos profissionais em geral no que tange ao desenvolvimento psicossocial dos envolvidos no fenômeno *bullying*. Ele pode ser compreendido por meio de estudos acerca das habilidades sociais que abrange o campo da Psicologia, no qual vem ocupando mais espaço no meio científico em termos de realização de pesquisas acadêmicas com base nos índices de incidência alarmantes e nas inúmeras conseqüências no indivíduo. Contudo, em todos os contextos, principalmente o escolar e o familiar, faz-se necessário desenvolver e fortalecer as habilidades sociais de crianças, adolescentes e adultos a fim de promover uma convivência mais satisfatória e resultados positivos para o desenvolvimento do indivíduo.

Esta dissertação se propõe a investigar as habilidades sociais de crianças envolvidas no processo de *bullying*, sendo composta por duas partes. A Seção I compreende um artigo teórico que aborda o estado da arte sobre as pesquisas realizadas em relação às habilidades sociais e *bullying* entre os anos de 2007 a 2010. A Seção II é constituída pelo artigo empírico que apresenta resultados sobre as habilidades sociais de crianças envolvidas no processo de *bullying*, sendo apresentado o método e todos os procedimentos de coleta e análise dos dados. Por fim, são apresentadas as considerações finais da dissertação e as referências bibliográficas.

O motivo da escolha desta temática se deve ao fato de existir poucos estudos que combinam estes dois assuntos, como também, ao interesse de conhecer como estão as habilidades das crianças que vivenciam situações de *bullying*, uma vez que é necessário conhecer as características de uma determinada população para conseguir intervir com maior efetividade. Será possível, também, de propor intervenções, pois acredita-se que este estudo irá auxiliar na obtenção de informações capazes de guiar o planejamento e propostas de estratégias de

intervenções que possam fortalecer e aperfeiçoar determinadas habilidades sociais de crianças, adolescentes e adultos envolvidas no *bullying*.

Além disso, a importância de conhecer tendências de pesquisas e lacunas do conhecimento sobre estudos científicos que focalizam essas duas temáticas se deve à necessidade de auxiliar na promoção e criação de políticas públicas, bem como na implementação de novas intervenções preventivas e de tratamento que sejam mais efetivas e que poderão contemplar um público maior de pessoas. Neste sentido, os programas anti *bullying* estão sendo muito estudados e implementados em nível internacional (Olweus, 2004; Chaux *et al.*, 2008; Ryan & Smith, 2009; Vreeman & Carrol, 2007; Gajardo, 2009), sendo considerado um exemplo efetivo de estratégia de enfrentamento para as escolas brasileiras por abranger professores, alunos, pais e comunidade em geral.

1 HABILIDADES SOCIAIS E BULLYING: REVISÃO SISTEMÁTICA DE ARTIGOS INTERNACIONAIS PUBLICADOS ENTRE 2007 A 2010

RESUMO: O *bullying* é um assunto importante a ser estudado no campo da Psicologia Clínica, a fim de que se verifiquem as variáveis individuais envolvidas neste processo e desenvolver intervenções que possam minimizar ou prevenir o sofrimento psíquico dos jovens envolvidos. Dentre vários aspectos individuais a serem investigados em associação com o fenômeno do *bullying*, há carência de pesquisas que possibilite um maior esclarecimento acerca das habilidades sociais dos envolvidos no processo de *bullying*. O presente estudo se propôs a elaborar uma revisão sistemática da literatura internacional publicada entre 2007 e 2010 sobre habilidades sociais e *bullying* com o intuito de verificar as tendências, possíveis lacunas existentes e caminhos para futuras pesquisas sobre estas duas temáticas associadas. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir das seguintes Bases de Dados: PubMed, *Academic Search Premier* - EBSCOhost, *PsycINFO*, *ScienceDirect* e ISI -*Web of Science*, utilizando-se os descritores “habilidades sociais AND *bullying*” e “*social skills* AND *bullying*”. Foram encontrados 153 artigos, sendo excluídos os artigos no idioma alemão, capítulos de livros, teses, dissertações de mestrado e abstracts, assim como, artigos aqueles que não abordavam diretamente a temática. Apenas 19 artigos foram analisados de acordo com as características gerais, metodológicas e temáticas. Todos os artigos encontrados foram de âmbito internacional, na sua maioria, empíricos, com delineamento quase-experimental e de cunho quantitativo. O instrumento mais utilizado foi o SSRS - *Social Skills Rating System* e o país de maior publicação foi os Estados Unidos. As habilidades sociais mais estudadas, em associação com o fenômeno do *bullying* foram: empatia, assertividade, controle das emoções, responsabilidade e cooperação.

Palavras-chave: Habilidades Sociais, *Bullying*, Revisão Sistemática.

ABSTRACT: *Bullying* is an important issue to be studied in Clinical Psychology's field. It is necessary to investigate individual variables involved in this process and to develop interventions that may minimize or prevent youth's psychological suffering related to *bullying* phenomena. Within several individual aspects to be investigated in *bullying* process, there is lack of studies toward social skills of children and adolescents involved in this type of violence. The present study aimed to elaborate a systematic review of national and international literature on social skills and *bullying* considering the period from 2007 to 2010. This review aimed to verify possible trends, lacks and directions on study of *bullying* and social skills to guide future research about these two issues interrelated. The bibliographical review considered PubMed, *Academic Search Premier* - EBSCOhost, *PsycINFO*, *ScienceDirect* e ISI -*Web of Science* as databases and the terms “*social skills* AND *bullying*” in Portuguese and in English as key-words. 153 papers were found. Papers in German language, book chapters, dissertation and thesis were excluded, as well as articles that do not cover the specific themes of this review directly. Only 19 papers were analyzed considering general characteristics as well as methodological and content aspects. All papers found were international articles consisting of empirical studies and presenting a quasi-experimental quantitative design. SSRS - *Social Skills Rating System* was the measure that appeared the most within the studies reviewed and the majority of the publications came from United States of America. It was observed also that the social skills studied in association with *bullying* phenomena were: empathy, assertiveness, emotional control, responsibility and cooperation.

Key-words: Social Skills, *Bullying*, Systematic Review

1.1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma revisão sistemática realizada a partir de uma pesquisa nas bases de dados PubMed, *Academic Search Premier* - EBSCOhost, *PsycINFO*, *ScienceDirect* e *Web of Science*, referente ao período equivalente de 2007 e 2010. Os descritores utilizados combinam os termos “habilidades sociais” e “*bullying*”, tanto no idioma português como inglês. De modo geral, buscou-se conhecer sobre o que está sendo pesquisado e discutido em relação às habilidades sociais de indivíduos envolvidos em situações de *bullying*. Por conseguinte, foi possível descobrir, também, lacunas do conhecimento com o intuito de fomentar reflexões sobre o assunto de modo a contribuir na promoção de novas ideias e de futuras investigações voltadas para o campo da prevenção e do enfrentamento desta problemática.

O fenômeno *bullying* é compreendido como um fenômeno social grave sendo que, a partir da década de oitenta passou a despertar a atenção de muitos pesquisadores em função de consequências negativas deste processo - eventos trágicos entre os jovens incluindo suicídios, intimidações e ameaças constantes foram associadas ao fenômeno (Torres & Acevedo, 2009). Neste sentido, nota-se que casos de *bullying* estão sendo identificados, porém, não se pode precisar se a frequência da incidência do *bullying* aumentou ou se foi o interesse social sobre este fenômeno que gerou mais pesquisas e visibilidade (Kristensen *et al.*, 2009).

Bullying é o fenômeno pelo qual uma criança ou jovem é sistematicamente agredido, sem motivação aparente por um ou mais agressores (Olweus, 1993). Este fenômeno está associado a diversas consequências negativas psicossociais e ocupacionais, tais como, depressão, isolamento e dificuldades nos relacionamentos interpessoais (Torres & Acevedo, 2009). O *bullying* pode ser identificado através de ato de chutar ou bater, roubar ou estragar objetos (*bullying* direto e físico), chamar nomes ou pôr apelidos, gozar ou salientar qualquer defeito ou deficiência do colega (*bullying* direto e verbal) ou ameaças e atitudes que ridicularizam ou excluem de forma sistemática os companheiros do grupo (*bullying* indireto) (Olweus, 1995).

As pesquisas sobre *bullying* focalizam diferentes temáticas, tais como: consequências psicológicas do *bullying* (Lisboa, 2005; Niemela, 2010; Olweus, 1993; Torres & Acevedo, 2009), questões de gênero, frequência, idade e local (Elias & Maher, 2007; Lecannelier, 2005; Nansel *et al.*, 2004; Smith & Brain, 2000), fatores de risco e proteção (Fox & Boulton, 2006; Hodges *et al.*, 1997; Silva *et al.*, 2000; Olweus, 1993), estilos parentais (Baldry & Farrington, 2000; Land &

Lisboa, 2011; Ok & Aslan, 2010), sócio-cognições (Dishion & Dodge, 2005; Orza, 1997; Pearce & Thompson, 1998), e programas de enfrentamento (Chaux, 2007; Fekkes, Pijpers, & Verloove-Vanhorick, 2004; Garringer, 2008; Ryan & Smith, 2009; Vreeman & Carrol, 2007), entre outros assuntos relacionados a este fenômeno. Em relação às intervenções, cada vez mais, as pesquisas parecem dar maior atenção à redução da violência através dos programas anti *bullying* que se apresentam como uma intervenção mais dinâmica e efetiva.

1.2 HABILIDADES SOCIAIS

O tema das habilidades sociais tem chamado a atenção de pesquisadores nacionais e estrangeiros pela importância de se fortalecer competências e aspectos sadios do ser humano, como também, por possibilitar a criação de intervenções que aprimoram as habilidades sociais (Salvo, Mazzarotto, & Löhr, 2005). As habilidades sociais se definem pelas combinações entre as características formais e funcionais de determinadas respostas sociais. A diversidade desta combinação abrange um amplo conjunto de classes de comportamentos que podem ser classificadas como: habilidades sociais de comunicação, de assertividade, de empatia, de solução de problemas interpessoais, de controle das emoções e participação, entre outras habilidades sociais. Cada uma dessas classes é geralmente composta por subclasses, como por exemplo, perguntar, responder, concordar, defender-se de acusação injusta, elogiar, compreender sentimentos alheios e expressar os seus próprios sentimentos, questionar e mediar conflitos entre os colegas, entre outras (Del Prette & Del Prette, 2008).

Pesquisas sobre habilidades sociais desenvolvidas em âmbito nacional e internacional vêm se consolidando no campo da Psicologia (Bolsoni-Silva *et al.*, 2006). É possível encontrar publicações em diferentes temas ou áreas, como: educação escolar, inteligências múltiplas, reabilitação psicossocial de psicóticos, comunicação, análise do comportamento, práticas parentais de crianças com problemas de comportamento, assertividade, crenças e identidade social e tratamento de transtorno obsessivo-compulsivo (Bolsoni-Silva *et al.*, 2006). Estudos mais recentes sobre avaliação de habilidades sociais, programas de intervenção, validação de escalas, deficiência intelectual, autismo e síndromes relacionadas, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade também estão sendo desenvolvidos (Biggs *et al.*, 2010; Del Prette & Del Prette,

2009; Vila & Del Prette, 2009; Bandeira *et al.*, 2009; Reiter & Lapidot-Lafler, 2007; Wiener & Mak, 2009)

Em geral, percebe-se que a área das habilidades sociais tem sido extensivamente pesquisada (Del Prette, 2008). Porém, existem poucos estudos que investigam as habilidades sociais de jovens envolvidos no processo de *bullying* (Larke & Beran, 2006; Peeters, Cillessen, & Scholte, 2010). Uma vez que o processo de *bullying* é um fenômeno que afeta a esfera interpessoal, faz-se importante realizar estudos que relacionam estas duas temáticas a fim de compreender suas vicissitudes e promover o desenvolvimento de relações saudáveis. Este artigo, portanto, se propõe apresentar estudos científicos recentes sobre a associação destes dois assuntos importantes que poderão auxiliar futuras pesquisas, assim como implementações de programas de enfrentamento do *bullying*.

1.3 MÉTODO

A presente revisão sistemática foi construída em três etapas. Em um primeiro momento, foi realizada uma busca junto às bases digitais de dados com os descritores escolhidos no período de 2007 a 2010. As bases de dados utilizadas foram: PubMed, *Academic Search Premier - EBSCOhot*, *PsycINFO*, *ScienceDirect* e *ISI -Web of Science*. Os descritores utilizados foram “*social skills AND bullying*” e “*habilidades sociais AND bullying*”.

No levantamento inicial, foram encontradas 153 publicações e apenas 19 artigos foram utilizados. Foram excluídos os artigos em idioma alemão, capítulos de livros, teses, dissertações de mestrado, abstracts, assim como aqueles que se repetiram e os que não abordavam a combinação dos dois assuntos de interesse - habilidades sociais e *bullying*. Foram incluídos somente os trabalhos científicos da língua inglesa (n=18) e espanhola (n=1), sendo que não foram encontrados artigos na língua portuguesa.

O levantamento abrangeu uma pré-seleção (etapa 1), baseada na leitura dos títulos e dos resumos/abstracts de jornais científicos identificados na busca eletrônica. Os autores foram contatados (etapa 2) a fim de adquirir aqueles artigos que não foram possíveis de realizar download. Dos 19 artigos, apenas sete trabalhos da base de dados *Web of Science* foram solicitados via *e-mail* para os pesquisadores, obtendo o retorno de cinco autores. Por fim, os artigos foram analisados e categorizados (etapa 3) da seguinte forma: a) características dos

artigos (subcategorias - base de dados, descritor, tipo de artigo, local de publicação e período/ano da publicação), b) categoria metodológica (subcategorias - delineamento, principais instrumentos e análise dos dados) e c) categoria temática (subcategorias - tipo de população estudada, gênero e habilidades estudadas).

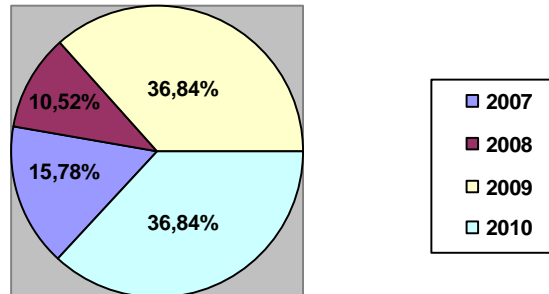
1.4 RESULTADOS

Considerando os 19 artigos encontrados, observou-se que nas bases de dados PubMed e *Web of Science* foi localizado o maior número de publicações com percentual de 36,84% (7 artigos), em cada uma das base de dados. A base de dados *EBSCOhost* teve 26,31% de artigos, sendo que nas bases de dados *PsycINFO* e *Scencedirect* não foi possível encontrar nenhum artigo dentro dos critérios estabelecidos, conforme Tabela 1.

Tabela 1: Número de publicações por base de dados de 2007 a 2010

Base de Dados	Publicações n (%)
PUBMED	7 (36,84%)
WEB OF SCIENCE	7 (36,84%)
EBSCOhost	5 (26,31%)
PsycINFO	—
SCIENCEDIRECT	—
TOTAL	19

Foi possível identificar 16 artigos empíricos (84,22%) e três artigos teóricos (15,78%), sendo que todos os artigos teóricos situam-se na base de dados *Academic Search Premier - EBSCOhost*. Destaca-se Estados Unidos e Europa com 26,3% das publicações, no qual representa um número de cinco artigos para cada localidade. O período que obteve maior índice de publicação foi o de 2009 e 2010 com 36,8% (n = 7 artigos) em cada ano (Figura 1). Em 2008, encontrou-se 10,5% (n = 2 artigos) de publicações e em 2007 (n = 3 artigos) aparece 15,7%.

Figura 1: Percentual de artigos

Com relação à categoria metodológica, os dados sobre delineamento, principais instrumentos e tipo de análise dos dados são discutidos. O tipo de delineamento quase-experimental atingiu 84,22% de publicações (n=16 artigos). Os instrumentos para investigação de habilidades sociais e *bullying* foram variados. Ao total, foram encontrados 32 instrumentos conforme os artigos empíricos e com base na preferência de cada autor. Alguns instrumentos constavam em mais de uma publicação, sendo que os mais utilizados, encontram-se na tabela abaixo:

Tabela 2: Tipos de instrumentos utilizados

Tipo de instrumentos	Publicações n (%)
<i>SSRS - Social Skills Rating System</i>	(6) 37,5%
<i>Bully/Victim Questionnaire de Olweus - BVQ</i>	(3) 18,7%
Questionários elaborados pelo pesquisador	(3) 18,7%
Outros	(20) 62,5%
TOTAL	32 (100,0%)

Nos diferentes tipos de análises dos artigos empíricos e teóricos desta pesquisa, foi possível encontrar 15,7% artigos de cunho qualitativo, 78,9% artigos de cunho quantitativo/descritivo, 10,5% artigos mistos e 5,2% pesquisa intervenção que equivale a somente um artigo. Quanto à categoria temática, foi possível encontrar dados relacionados ao tipo de população estudada (Tabela 3), gênero, bem como, informações sobre o tipo de habilidades sociais estudadas (Tabela 4):

Tabela 3: Tipo de população estudada

Tipo de População	Publicações n (%)
Crianças	07 (36,8%)
Adolescentes	03 (15,7%)
Crianças e adolescentes	07 (36,8%)
Adultos	01 (5,2%)
Crianças, adolescentes e adultos	01 (5,2%)
TOTAL	19 (100%)

Tabela 4: Habilidades sociais estudadas

Habilidades Estudadas	Publicações n (%)
Habilidades sociais variadas	10
Empatia	06
Controle das emoções	05
Assertividade	03
Habilidades sócio-cognitivas	03
Cooperação	02
Responsabilidade	02
Expressão de sentimento positivo	01
Comunicação e socialização	01

Obs: Alguns itens aparecem em mais de um artigo.

Tabela 5: Assuntos relacionados

Assuntos Relacionados	Publicações n (%)
Autismo e síndromes relacionadas	03 (15,78%)
Popularidade percebida	03 (15,78%)
Transtorno de déficit de atenção	02 (10,52%)
Problemas internalizantes e externalizantes	02 (10,52%)
Preferência social	02 (10,52%)
Desenvolvimento motor	01 (5,26%)
Epilepsia	01 (5,26%)
Doença renal crônica	01 (5,26%)
Deficiência mental	01 (5,26%)
Auto-estima e vergonha	01 (5,26%)
Motivação	01 (5,26%)
Obesidade	01 (5,26%)
Comportamento e crenças	01 (5,26%)
Diferença de gênero	01 (5,26%)
Intersubjetividade	01 (5,26%)
Programas de intervenção	01 (5,26%)

Obs: Alguns itens aparecem em mais de um artigo.

1.5 DISCUSSÃO

De acordo com as cinco bases de dados utilizadas, foi possível identificar que a maior parte das pesquisas referem-se às bases de dados *PubMed* e *Web of Science*, atingindo um percentual de 36,8% de publicações (n = 7 artigos), em cada uma delas, conforme tabela 1. Estas bases de dados são reconhecidas em grande escala e respeitadas no âmbito da pesquisa eletrônica por serem consideradas altamente qualificadas em nível mundial.

É possível observar uma prioridade das publicações em relação aos artigos empíricos contendo somente três artigos teóricos localizados na base de dados *Academic Search Premier - EBSCOhost*, entre 2007 e 2010, exceto no ano de 2008. Observa-se, também, que o delineamento quase-experimental foi encontrado em 84,2% dos artigos (n = 16), sendo que a maioria dos trabalhos empregam metodologias empíricas, o que corrobora os achados da literatura referente ao tipo de metodologia utilizada nos artigos sobre *bullying* (Jacobson, 2010). O interesse em buscar respostas através dos artigos empíricos é apresentado, cada vez mais, como uma alternativa de contribuição para o entendimento do fenômeno e construção de futuras intervenções sobre o enfrentamento do *bullying* (Frisén *et al.*, 2007; Fox & Boulton, 2005; Kristensen *et al.*, 2009; Larke & Beran, 2006; Woods *et al.*, 2009).

Neste trabalho de revisão sistemática, os Estados Unidos destacou-se com cinco artigos publicados, assim como a Europa (n = 5 artigos). Percebe-se, mesmo assim, a escassez de publicações internacionais nas diferentes localidades. Neste sentido, mesmo considerando o total de artigos encontrados neste trabalho de revisão sistemática (n=19) com base no descritor “*social skills AND bullying*”, ainda existem poucas pesquisas internacionais voltadas à compreensão dos aspectos relacionados às habilidades sociais em associação com o fenômeno do *bullying* (Champion, Vernberg, & Shipman, 2003; Fox & Boulton, 2005; Heydenberk *et al.*, 2006; Larke & Beran, 2006; Sutton *et al.*, 2003).

Dessa forma, há a necessidade de um maior esclarecimento sobre as características das vítimas e dos agressores (Binsfeld & Lisboa, 2010), sendo importante realizar mais estudos relacionados sobre estas duas temáticas (Larke & Beran, 2006). Assim, é possível promover a diminuição dos conflitos e a formação de personalidades resilientes, desde a tenra idade, através do fortalecimento e desenvolvimento das habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2010; Trombeta & Guzzo, 2002).

Neste trabalho de revisão sistemática, pode-se inferir que pesquisadores brasileiros ainda possuem pouco interesse em desenvolver pesquisas investigando habilidades sociais das crianças envolvidas no processo de *bullying*. Ou, ainda, é possível se pensar que os trabalhos desenvolvidos neste assunto estão sendo pouco publicados e, por consequência, não têm recebido a merecida divulgação.

Entretanto, é possível visualizar um aumento das publicações nos anos de 2009 e 2010, apresentando um maior índice de publicações com sete artigos publicados em cada período anual, totalizando 72% de publicações (n = 14 artigos), conforme figura 1. Este dado revela que está ocorrendo uma maior preocupação por parte da comunidade acadêmica em geral ao longo dos últimos anos quanto às pesquisas sobre a temática do *bullying* (Catini, 2004). Assim, a tendência é que haja um aumento das publicações sobre as pesquisas que abordam a interação entre processo de *bullying* e habilidades sociais (Woods *et al.*, 2009), uma vez que diversas pesquisas internacionais sobre a associação destas vêm sendo realizadas (Hallama, 2009; Hirschstein *et al.*, 2007; Laugeson *et al.*, 2009; Raskauskas *et al.*, 2010).

Na tabela 2, constam percentuais sobre os instrumentos mais utilizados nas pesquisas revisadas. Quanto ao instrumento mais citado, destaca-se em primeiro lugar, o SSRS - *Social Skills Rating System*, compreendendo 37,5% dos artigos em geral (n = 6). Em segundo lugar, o mais utilizado foi o instrumento *Bully/Victim Questionnaire* de Olweus - BVQ, abrangendo 18,7% (n = 3). A escolha em elaborar questionários para a realização das pesquisas também foi priorizada entre os autores, alcançando a mesma porcentagem do instrumento anterior, 18,7%. O instrumento SSRS, demonstra obter prestígio internacionalmente, sendo utilizado nas pesquisas nacionais (Bandeira *et al.*, 2006; Bandeira, Del Prette, Del Prette, & Magalhães, 2009; Lopes, 2009). Convém salientar que a adaptação brasileira deste instrumento (Bandeira, Del Prette, Del Prette, & Magalhães, 2008) produziu indicadores de validade e precisão satisfatórios.

De acordo com a categoria metodológica, 15 trabalhos tiveram suas publicações com análise de dados quantitativa, evidenciando baixo número de publicações qualitativas (n= 3 artigos). Conforme Jacobson (2010), a maioria dos artigos sobre *bullying* empregam metodologias empíricas com abordagem qualitativa e quantitativas. Os métodos quantitativos investigam uma maior variedade de fenômenos e determinam a confiabilidade das medidas adotadas, o que possibilita a generalização dos resultados e a realização de projeções mais seguras em relação ao objetivo proposto (Lay & Reis, 2005), na medida que é possível utilizar

um número elevado de participantes. Neste sentido, pesquisas quantitativas estão sendo mais utilizadas para adquirir uma compreensão mais abrangente se tratando de um fenômeno tão complexo que é o *bullying*. Quanto à população estudada (Tabela 3), 36,8% dos artigos utilizaram somente crianças em seus estudos, aparecendo a mesma quantidade (36,8%) para artigos que utilizaram crianças e adolescentes. Quanto ao gênero, todos os 19 artigos abordaram população de ambos os sexos (meninas e meninos). A literatura confirma este dado ao referir que é comum encontrarmos pesquisas no âmbito internacional que utilizam na sua metodologia crianças e adolescentes como participantes, assim como populações femininas e masculinas para investigar as habilidades sociais no processo de *bullying* (Fox & Boulton, 2005; Larke & Beran, 2006; Salmivalli *et al.*, 1998; Vaillancourt *et al.*, 2003).

Diversos tipos de habilidades sociais foram encontradas nos artigos científicos estudados (Tabela 4), dentre estas: empatia, controle das emoções, assertividade, sóciocognição, cooperação, responsabilidade, expressão de sentimento positivo, comunicação e socialização. Nota-se que entre 2007 e 2008, a atenção das pesquisas sobre as habilidades sociais de indivíduos envolvidos no processo de *bullying* estava focalizada na compreensão das habilidades em geral, sendo que após o ano de 2009, o foco dos artigos voltou-se mais para o entendimento de uma ou duas habilidades, por exemplo: empatia e/ou sóciocognição. Esta última habilidade foi pesquisada somente no ano de 2010, totalizando três artigos.

Vários assuntos tiveram associação com a investigação das habilidades sociais de jovens envolvidos no processo de *bullying* (Tabela 5). Os assuntos de maior preferência entre os autores, foram: autismo e síndromes relacionadas, popularidade percebida, déficit de atenção, preferência social, bem como, problemas internalizantes e externalizantes. Os demais artigos abordaram: problema do desenvolvimento motor, epilepsia, doença renal crônica, deficiência mental, auto-estima e vergonha, obesidade, motivação, auto-consciência, transtorno invasivo do Desenvolvimento, comportamento e crenças, diferença de gênero, intersubjetividade e programas de intervenção.

Nos artigos analisados, foi possível encontrar ainda resultados que possibilitam uma maior compreensão acerca das habilidades sociais dos envolvidos no processo do *bullying*. Os principais achados dos estudos levantados referem-se às vulnerabilidades das vítimas de *bullying*, características dos agressores e sua função no *bullying*, percepção da agressividade, intervenções, assim como questionamentos importantes quanto ao fato de ter boas habilidades sociais protege

ou não a criança de se tornar uma vítima. A seguir, serão discutidos os artigos selecionados desta revisão sistemática, conforme os critérios de inclusão mencionados anteriormente.

Em relação às vítimas de *bullying*, os artigos, na sua grande maioria, apontam para o fato de que estes jovens tendem a possuir um repertório de habilidades sociais pobres e que este processo pode estar enfatizado quando, ainda, se observa algum tipo de deficiência física ou neurológica importante. No estudo de Bejerot, Edgar e Humble (2011), estudantes universitários da Suécia, entre 19 e 29 anos de idade, com diagnóstico de déficit de atenção e autismo (Síndrome de Asperger), apresentaram baixo desempenho cognitivo e motor, prejuízo em suas habilidades sociais e uma alta frequência de vitimização. Destes jovens, 36% relataram terem sido vítimas de *bullying* duas a três vezes por mês durante, pelo menos, dois meses, sendo que o risco destes estudantes se tornarem vítimas-agressores é três vezes maior.

O estudo teórico de Biggs, Simpson e Gaus (2010), refere que indivíduos com quadro de Síndrome de Asperger (AS) apresentam pobres habilidades sociais e motoras e que normalmente são vítimas de *bullying*, apresentando prejuízos em termos de auto-estima, depressão, ansiedade e evasão escolar. É importante ainda salientar que no período da educação física, onde jovens são mais exigidos quanto às suas habilidades sociais e motoras estas vítimas são percebidas pelos agressores como sendo fracas e desajeitadas, reforçando ainda mais o sentimento de desamor e baixa auto-eficácia.

Dados semelhantes também são encontrados no estudo de Wiener e Mak (2009), realizado com 104 crianças entre nove e 14 anos de idade, com e sem o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção (TDAH), no qual foi identificado maiores taxas de vitimização nas crianças (*bullying* direto e indireto), principalmente em meninas, que apresentavam TDAH. Neste sentido, intervenções que contenham treinamento de habilidades sociais (DeRosier, 2004; DeRosier & Marcus, 2005) e mediação de conflitos (Almeida, Alencar, & Fonseca, 2009; Cunningham, Cunningham, Martorelli, Tran, Young, & Zacharias, 1998) são sugeridos como alternativas para situações de violência escolar.

Ainda sobre as pesquisas em relação às vítimas de *bullying*, o estudo de Lumeng, Forrest, Appugliese, Kaciroti, Corwyn e Bradley (2010), realizado com 821 crianças, demonstrou que as crianças obesas entre oito a onze anos de idade são mais propensas a serem vítimas de *bullying*, sendo que o contrário não é verdadeiro, ou seja, o *bullying* não leva à obesidade. Porém, dados

demonstram que obesos com boas habilidades sociais estavam, também, envolvidos com o processo da vitimização.

Nestes casos, parece que o fato de ter boas habilidades não protege o indivíduo de se envolver em situações de *bullying*. Este é um achado interessante, pois nos remete à reflexão de que outros aspectos podem estar envolvidos no entendimento da participação das habilidades sociais no processo de *bullying*, lembrando que o indivíduo interage num processo de desenvolvimento biopsicossocial capaz de influenciar e de ser influenciado pelo meio através de reforçamento positivo ou negativo (Bandura, 2001; Bronfenbrenner, 1996).

Outras pesquisas permitem questionar o papel das habilidades sociais, tais como o estudo de Hamiwka, Yu, Hamiwka, Sherman, Anderson e Wirrell (2009) que comparou as habilidades sociais de crianças americanas entre oito e 16 anos de idade, vítimas e não-vítimas de *bullying* com quadro de epilepsia. Quanto ao resultado, não foi possível verificar diferença nas habilidades sociais, obtendo valores dentro da média esperada em suas habilidades. Sendo assim, o estudo realizado por Reiter e Lapidot-Lefler (2007) com estudantes israelenses entre 12 e 21 anos, portadores de necessidades especiais, também não conseguiu encontrar correlação significativa entre o papel de vítima, agressor e vítima-agressor e as habilidades sociais, o que parece revelar que existem outros atravessamentos entre estes temas e que não garantem que a pessoa, tendo boas habilidades sociais, por si só, se protegerá do *bullying*.

Os estudos mencionados acima nos fazem pensar em vários fatores que podem influenciar de forma significativa a forma de como os jovens entendem o fenômeno do *bullying*. Segundo Reiter e Lapidot-Lefler (2007), os jovens podem estar banalizando as situações de violência nas escolas ou, talvez, os alunos podem estar sofrendo algum tipo de retaliação ou ameaça, principalmente fora da escola, no ônibus da escola ou no bairro onde moram, tornando a revelação do *bullying* ainda mais difícil, assim como a sua identificação.

Outra explicação que pode ser plausível neste contexto, levantada por autores como Farmer e Xie (2007), é o fato de que os agressores também podem apresentar um bom repertório de habilidades sociais. Normalmente, a percepção errônea que se tem é de agressores rejeitados que apresentam déficits em suas habilidades, pelo contrário, eles consideram que a dinâmica social dos agressores é complexa, sendo capazes de serem dominadores e de usar a agressão para benefício próprio, assim como para ajudar os colegas em uma determinada situação de conflito. Dessa forma, algumas habilidades mantêm-se preservadas neste contexto.

O estudo de Caravita, Blasio & Salmivalli (2010), realizado com 211 alunos entre oito e onze anos de idade, matriculados na quarta e quinta série do ensino fundamental em três escolas do norte da Itália revela que os agressores apresentavam maiores habilidades do que outras crianças (vítimas, defensores das vítimas ou demais crianças que reforçavam a agressão). Foi encontrado que a empatia afetiva e a preferência social associam-se negativamente ao *bullying*, enquanto que a empatia cognitiva e a popularidade percebida correlacionam-se positivamente (Caravita & Blasio, 2008).

Estes dados corroboram achados que mostram que os jovens agressivos podem apresentar uma maior popularidade e usufruir de competências e habilidades para intimidar os outros (Caravita & Blasio, 2008). A popularidade pode ser um preditor da agressão relacional e indireta entre meninas adolescentes (Cillessen & Mayeux, 2004).

A pesquisa de Caravita e Blasio (2008) mostra, também, que os agressores com status de liderança tendem a possuir habilidades para antecipar o comportamento dos pares, compreendendo os estados mentais dos outros, sendo capazes de escolher a criança mais vulnerável, manipulando-a e tratando-a de forma negativa, porém, não possuem capacidade de compartilhar a dor dos outros (empatia afetiva). Assim, a empatia tem sido um fator que influencia tanto para ter comportamento agressivo ou pró-social, ou seja, o fato de ter empatia não impede o sujeito de apresentar comportamento agressivo (Caravita & Blasio, 2008).

O estudo de Peeters, Cillessen e Scholte (2010) revela ainda que a habilidade sóciocognitiva pode diferir quanto aos tipos de *bullying* e que os agressores podem apresentar um continuum nesta habilidade, apresentando variações no que se refere à inteligência social. Este estudo aponta, ainda que a agressividade e a inteligência social não são excludentes, podendo coexistir mutuamente.

Assim, a agressão indireta requer inteligência social, poder social e habilidades para manipular um grupo. Dessa forma, foi possível encontrar, também, que para os agressores, tanto meninas como meninos, quanto maior for a inteligência social, mais alto pode ser os índices de popularidade e a agressão relacional (Peeters *et al.*, 2010).

Acredita-se, porém, que a função social do *bullying* difere entre os agressores quanto às habilidades sociais, uma vez que existem dados que demonstram que meninos agressores com baixa popularidade e com pouca capacidade sóciocognitiva tiveram altos índices de agressão relacional (Peeters *et al.*, 2010), revelando que pode existir uma interdependência do status social

com a habilidade social. Assim, pelo menos para os meninos, a agressão relacional nem sempre requer inteligência social.

Neste sentido, foi possível encontrar um estudo que identifica déficits importantes nas habilidades sociais de agressores como, por exemplo, o estudo de Garner & Hilton (2010), que analisou 77 crianças envolvidas no *bullying* quanto a sua capacidade de autocontrole. As análises mostraram que os agressores e vítimas-agressores apresentaram baixa auto-regulação emocional do que as vítimas e não-vítimas. A dificuldade está em interpretar e responder adequadamente as emoções e de compreender as regras culturais. Portanto, ser capaz de avaliar corretamente as emoções dos outros significa proteger-se de situações de agressão.

De um modo geral, o estudo de Zegarra, Barrón, Marqués, Berlanga e Pallas (2009), realizado com 641 jovens entre 12 e 16 anos de idade, aponta que a participação no *bullying* envolve menos habilidades sociais e maior dificuldade de adaptação social, sendo que as habilidades estudadas foram: habilidades sociais básicas, fazer amigos, habilidades de conversação, de solução de problemas interpessoais e de relacionamento com os adultos. Quanto às variáveis relacionais, os meninos tendem a ser mais aceitos pelo grupo de pares, o que pode estar relacionado à agressividade e uso da força por parte dos mesmos para adaptação nos diferentes contextos.

No estudo de Raskauskas, Gregory, Harvey, Rifshana e Evans (2010) que contou com a participação de 1.168 alunos, pré-adolescentes e adolescentes, identificou que a empatia mostrou-se negativamente relacionada com o comportamento de *bullying* e positivamente relacionada com o comportamento pró-social. Quanto à intervenção, o programa de treinamento sócio-emocional teve maior impacto nos problemas internalizantes e externalizantes do que nas habilidades sociais.

Outro estudo elucidado pelos autores Farmer e Xie (2007), consideram que a dinâmica social dos agressores é complexa, pois eles podem apresentar dois tipos de papéis sociais no processo de *bullying*: o primeiro, procura defender-se de agressões futuras, enquanto que o segundo, procura proteger sua posição social (popularidade) e manter-se no domínio - ambos através da agressão, o que os tornam vulneráveis. Além disso, eles podem ser bem influentes e capazes de usar a agressão ao seu favor e a favor dos demais.

Os estudos aqui mencionados nos quais compreendem esta revisão sistemática, portanto, referem que agressores podem apresentar ou não prejuízos em suas habilidades sociais. Estes

dados elucidam as controvérsias existentes que alguns autores vêm discutindo e dando a merecida atenção para estas investigações (Fox & Boulton, 2005; Larke & Beran, 2006; Sutton *et al.*, 1999; Sutton, 2003; Woods, 2009). Com base nesta descoberta, os autores afirmam que o *bullying* não pode ser explicado somente sob o ponto de vista do déficit de habilidade social (Sutton *et al.*, 1999b; Sutton, 2003), pois é possível inferir que os agressores podem não ser totalmente disfuncionais em suas habilidades sociais, podendo apresentar inclusive adequado nível de inteligência social (Andreou, 2006; Kaukiainen, Bjorkqvist, Lagerspetz, Osterman, & Salmivalli, 1999). Sendo assim, é possível planejar intervenções mais específicas para os diferentes papéis sociais do *bullying* a fim de tornar mais eficiente o enfrentamento desta problemática. Por fim, foi possível encontrar, ainda, um estudo teórico e psicanalítico de Jacobson (2010), em que o mesmo diz que o *bullying* não está simplesmente representado pelo déficit de habilidades sociais, mas também pode ser explicado com base na tentativa do sujeito em estabelecer uma identidade. Este autor defende que ao invés de treinar os alunos a conviver melhor com os outros, deve-se focar na re-construção da sua auto-imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as características dos artigos abordadas, assim como as categorias metodológicas e temáticas apresentadas, auxiliaram para uma compreensão da dimensão das pesquisas acerca das habilidades sociais em jovens envolvidos no processo de *bullying*. As informações obtidas podem colaborar na elaboração de políticas públicas para a execução de programas de intervenção mais eficientes e de acordo com as vicissitudes dos diferentes papéis sociais do *bullying*. As pesquisas revisadas podem contribuir para guiar futuras pesquisas no campo teórico-prático das habilidades sociais e *bullying*.

Em relação às tendências das publicações sobre este assunto, pode-se inferir que parece haver uma preferência para trabalhos e publicações de cunho empírico, através de métodos quantitativos e delineamento quase-experimental. Acredita-se que as investigações empíricas permitem quantificar e tratar os dados com estatísticas avançadas, identificando preditores, associações e interdependências.

Sugere-se que outros estudos teóricos sobre esta temática sejam realizados, principalmente os estudos de revisão sistemática, permitindo identificar assuntos que ainda não foram abordados,

temas que necessitam de uma maior investigação, assim como, pesquisas que já apresentam sólidos conhecimentos no âmbito científico e que podem contribuir no planejamento das intervenções.

Nota-se que este assunto poderia ser mais investigado em outros países, principalmente, no Brasil, no intuito de promover implementações de programas anti *bullying* nas escolas brasileiras, por exemplo. Percebe-se, também, que existe um aumento do número de pesquisas sobre as habilidades sociais de indivíduos envolvidos no processo de *bullying*, porém, ainda é pequeno o número destas publicações internacionais, o que aponta a necessidade de pesquisas que investiguem os jovens envolvidos no processo de *bullying* em termos de suas competências e habilidades.

Há necessidade da construção de instrumentos que avaliem as habilidades sociais apropriados para a nossa realidade, apesar de existirem importantes trabalhos de adaptações brasileiras de instrumentos internacionais, como por exemplo, a adaptação do instrumento SSRS - Social Skills Rating System (Gresham & Elliot, 1990) realizada por Del Prette e sua equipe na Universidade Federal de São Carlos (Bandeira, Del Prette, Del Prette, & Magalhães, 2008). A elaboração de questionários multimídia pode ser uma alternativa enriquecedora, fortalecendo o campo das habilidades sociais no Brasil e permitindo associações desta temática com outras.

Atividades que valorizem o Treinamento das Habilidades Sociais podem ser de grande importância para o público infante-juvenil e adulto, uma vez que existem estudos empíricos que embasam e dão suporte para a construção de programas de intervenção. As tarefas podem ser planejadas de acordo com os diversos transtornos de personalidade, dificuldades psicossociais em geral, gênero e faixa etária. Pesquisas para o público adulto vítimas de *bullying* na infância e/ou adolescência também necessitam ser mais desenvolvidas pela comunidade acadêmica.

Enfim, este artigo buscou contribuir com informações atuais referentes às tendências das pesquisas, possíveis lacunas existentes e caminhos para futuras investigações e debates relacionados a estas temáticas. Espera-se que os resultados dos trabalhos que vem sendo realizados sobre *bullying* e habilidades sociais possam ter uma maior divulgação e que a interlocução entre os países interessados no estudo desta temática se expanda e se fortaleça no meio científico a fim de auxiliar na promoção da saúde mental.

REFERÊNCIAS

- Almeida, L. S., & Lisboa, C. S. M. (2011, no prelo). *Aspectos Gerais da Intervenção no Bullying*. In: Vinicius Dornelles, Cristina Sayao. (Org.). *Bullying: Avaliação e Intervenção em Terapia Cognitivo-comportamental*. Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Almeida, S. B., Cardoso, L. R. D., & Costac, V. V. (2009). Bullying: Conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar. *Psicologia Argumento*, 27(58), 201-206.
- Almeida, S. M. N. S., Alencar, M. L., & Fonseca, A. S. A. (2009). *Programa de Mediação de Conflitos Escolares*. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho.
- Baldry, A. C., & Farrington, D. P. (2000). Bullies and Delinquents: Personal Characteristics and Parental Styles. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 10, 17-31.
- Bandeira, M., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., & Magalhães, T. (2009). Validação das escalas de habilidades sociais, comportamentos problemáticos e competência acadêmica (SSRS-BR) no ensino fundamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 271-282.
- Bandeira, M., Rocha, S. S., Pires, L. G., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Competência acadêmica de crianças do Ensino Fundamental: características sociodemográficas e relação com habilidades sociais. *Interação em Psicologia*, 10(1), p. 53-62.
- Baraldi, D. M., & Silveiras, E. F. M. (2003). *Treino de habilidades sociais em grupo com crianças agressivas, associado à orientação dos pais: análise empírica de uma proposta de atendimento*. In A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 235-258). Campinas: Alínea.
- Bejerot, S., Edgar, J., & Humble, M. B. (2010). Poor performance in physical education - a risk factor for bully victimization. A case-control study. *Acta Paediatrica*, 100, 413-419.
- Bierman, K. L., Coie, J. D., Kenneth, A. D., Greenberg, M. T., Lochman, J. E., McMahon, R. J., & Pinderhughes, E. E. (1999). Initial Impact of the Fast Track Prevention Trial for Conduct

- Problems: II. The High-Risk Sample. Conduct Problems Prevention Research Group. *Journal of Consulting and Clinical Psychology* 67(5), 631-647.
- Biggs, M. J. G., Simpson, C., & Gaus, M. D. (2010). Using a Team Approach to Address *bullying* of Students with Asperger's Syndrome in Activity-based Settings. *Children & Schools*, 32(3), 135-142.
- Binsfeld, A. R., & Lisboa, C. S. M. (2010). Bullying: um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar do Sul do Brasil. *Interpersona: an International Journal on Personal Relationships*, 4(1), 74-105.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento. *Estudos de psicologia*, 41, 227-235.
- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, G., Montagner, A. R., Bandeira, M., & Del Prette, A. (2006). *Habilidades Sociais no Brasil: Uma análise dos estudos publicados em periódicos*. In M. Bandeira, Z. A. P. Del Prette & A. Del Prette, (Orgs.), *Estudos Sobre Habilidades Sociais E Relações Interpessoais* (pp. 1-45). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bowers, L., Smith, P. K., & Binney, V. (1992). Cohesion and power in the families of children involved in bullying problems at school. *Journal of Family Therapy*, 14, 371-387.
- Caballo, V. (2003). *Manual de avaliação e treinamento em habilidades sociais*. São Paulo: Santos Livraria e Editora.
- Caravita, S. C. S., Blasio, P. D., & Salmivalli, C. (2010). Early Adolescents' Participation in Bullying: Is ToM Involved? *Journal of Early Adolescence*, 30(1) 138-143.
- Caravita, S. C. S., & Blasio, P. D. (2009). Unique and Interactive Effects of Empathy and Social Status on Involvement in Bullying. *Social Development*, 18(1), 140-163.
- Chaux, E. (2007). Aulas en Paz: A Multicomponent Program for the Promotion of Peaceful Relationships and Citizenship Competencies. *Conflict Resolution Quarterly*, 25(1), 1-8.

- Cunningham, C., Cunningham, L. J., Martorelli, V., Tran, A., Young, J., & Zacharias, R. (1998). The effects of primary division, student-mediated conflict resolution programs on playground aggression. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 39, 653-662.
- Dautenhahn, K., Woods, S., & Kaouri, C. (2007). *Possible connections between bullying behaviour, empathy and imitation*. In K. Dautenhahn, & C. Nehaniv (Eds.), *Models and mechanisms of imitation and social learning in robots, humans and animals: Behavioural social and communicative dimensions* (pp. 323-339). Cambridge: Cambridge University Press.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2008). Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. *Paidéia*, 18, 41-59.
- _____ (2009). *Avaliação de habilidades sociais: Bases conceituais, instrumentos e procedimentos*. In: A. Del Prette, & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações* (pp. 187-229). Petrópolis: Vozes.
- _____. (2010). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- DeRosier, M. E. (2004). Building friendships and combating bullying: Effectiveness of a school-based social skills group intervention. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 33(1), 196 - 201.
- DeRosier, M. E., & Marcus, S. R. (2005). Building friendships and combating bullying: Effectiveness of S.S.GRIN at one-year follow-up. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 34, 140-150.
- Dishion, T. J., & Dodge, K. A. (2005). Peer Contagion in Interventions for Children and Adolescents: Moving Towards an Understanding of the Ecology and Dynamics of Change. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33(3), 395-400.
- Elias, M. J., & Tobias, S. E. (1996). *Social problem-solving: Interventions in the schools*. New York: Guilford press.

- Farmer, T. W., & Xie, H. (2007). Aggression and school social dynamics: The good, the bad, and the ordinary. *Journal of School Psychology, 19*(3), 19-31.
- Fekkes, F. I. M., & Verloove-Vanhorick, S. P. (2004). Bullying: who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in *bullying* behavior. *Health Education Research: Theory & Practice, 20*(1), 41-64.
- Fox, C. L., & Boulton, M. J. (2005). The social skills problems of victims of bullying: self, peer and teacher perceptions. *British Journal of Educational Psychology, 75*(2), 313-28.
- _____ (2006). Friendship as a Moderator of the Relationship Between Social Skills Problems and Peer Victimization. *Aggressive Behavior, 32*(2), 110-121.
- Frisén, A., Jonsson, A., & ersson, C. (2007). Adolescents' perception of bullying: Who is the victim? Who is the bully? What can be done to stop bullying? *Adolescence, 42*, 749-761.
- Gajardo, M. (2009). *Detener la violencia en las escuelas: Programas que aciertan en América Latina*. In C. Berger & C. Lisboa (Eds.), *Agresión en contextos educativos: reportes de la realidad Latinoamericana* (pp. 233-256). Santiago de Chile: Universitaria.
- Garner, P. W., & Hinton, T. S. (2010). Emotional Display Rules and Emotion Self-Regulation: Associations with *bullying* and Victimization in Community-Based After School Programs. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 20*, 480-496.
- Garringer, M. (2008). *Bullying Prevention and Intervention*. Department of Education - Office of Safe and Drug- Free Schools. Mentoring Resource Center in the Case Study.
- Hallama, S. (2009). An evaluation of the Social and Emotional Aspects of Learning (SEAL) programme: promoting positive behaviour, effective learning and well-being in primary school children. *Oxford Review of Education, 35*(3), 313-330.
- Hamiwka, L. D., Yu, C. G., Hamiwka, L. A., Sherman, E. M.S., Anderson, B., & Wirrell, E. (2009). Are children with epilepsy at greater risk for *bullying* than their peers? *Epilepsy & Behavior, 15*, 500-505.

- Hawker, D. S. J., & Boulton, M. J. (2000). Twenty years research on peer victimization and psychosocial maladjustment: a meta-analytic review of cross sectional studies. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 41, 441-455.
- Hirschstein, M. K., Edstrom, L. V.S., Frey, K. S., Snell, J. L., & MacKenzie, E. P. (2007) Walking the Talk in *bullying* Prevention: Teacher Implementation Variables Related to Initial Impact of the Steps to Respect Program. *School Psychology Review*, 36(1), 3-21.
- Hodges E. V. E, Malone M. J, & Perry D. G. (1997) Individual risk and social risk as interacting determinants of victimization in the peer group. *Developmental Psychology*, 33,1032-1039.
- Hodges E. V. E, & Perry D. G. (1999) Personal and interpersonal antecedents and consequences of victimization by peers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76,677-685.
- Hoover, J. H., & Oliver, R. (1996). *The bullying prevention handbook: A guide for principals teachers, and counselors*. Bloomington, IN: National Educational Service.
- Houlston, C., & Smith, P. K. (2009). The impact of a peer counselling scheme to address *bullying* in an all-girl London secondary school: A short-term longitudinal study. *British Journal of Educational Psychology*, 79, 69-86
- Hubbard, J. A., & Coie J. D. (1994). Emotional correlates of social competence in children's peer relationships. *Merril-Palmer Quarterly*, 40, 1-20.
- Jacobson, R. B. (2010). A Place to Stand: Intersubjectivity and the Desire to Dominate. *Studies in Philosophy and Education*, 29,35-51.
- Kimber, B., Sandell, R., & Brember, G. (2008). Social and emotional training in Swedish schools for the promotion of mental health: an effectiveness study of 5 years of intervention. *Health Education Research*, 23(6), 931-940.
- Kristensen, C. H., Schaefer, L. S., Rigoli, M. M., Busnello, F. B., & Calbo, A. S. (2009). *Bullying* na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. *Contextos Clínicos*, 2(2),73-80.

- Larke, I. D., & Beran, T. N. (2006). The relationship between *bullying* and social skills in primary school students. *Issues In Educational Research*, 16(1), 51-66.
- Lay, M. C. D., & Reis, A. T. L. (2005). Análise quantitativa na área de estudos ambiente-comportamento. *Ambiente Construído*, 5 (2), 21-36.
- Lecannelier, F. (2005). *Un proyecto bullying para la detección e intervención de la violencia escolar entre pares en Chile*. Memorias de las XII Jornadas de Investigación y Primer Encuentro de Investigadores del MERCOSUR, Buenos Aires, Argentina.
- Lisboa, C. S. M. (2005). *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: Fatores de risco e proteção*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Lisboa, C., Braga, L., & Ebert, G. (2009). O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: Definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, 2(1), 59-71.
- Lumeng, J. C., Forrest, P., Appugliese, D. P., Kaciroti, N., Corwyn, R. F., & Bradley, R. H. (2010). Weight Status as a Predictor of Being Bullied in Third Through Sixth Grades. *Pediatrics*, 125(6), 541-553.
- Morais, N., & Koller, S. (2004). *Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, Psicologia positiva e resiliência: ênfase em saúde*. In: S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 91-107). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Niemela, A., Brunstein-Klomek B., Sillanmäki, C., Helenius, H., Piha, J., Kumpulainen, K. *et al.* (2010) Sourander d Childhood *bullying* behaviors at age eight and substance use at age 18 among males. A nationwide prospective study. *Addictive Behaviors*, 36, 256-260.
- Ok, S., & Aslan, S. (2010). The school *bullying* and perceived parental style in adolescents. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 5, 536-540.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. London, Blackwell.

- Pavarino, M. G., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, 36(2), 127-134.
- Peeters, M., Cillessen, A. H. N., & Scholte, R. H. J. (2010). Clueless or Powerful? Identifying Subtypes of Bullies in Adolescence. *Journal Youth Adolescence*, 39,1041-1052.
- Raskauskas, J. L., Gregory, J., Harvey, S. T., Rifshana, F., & Evans, I. M. (2010). *Bullying* among primary school children in New Zealand: relationships with prosocial behaviour and classroom climate. *Educational Research*, 52(1), 1-13.
- Reiter, S., & Lapidot-Lefler, N. (2007). *Bullying* among special education students with intellectual disabilities: Differences in social adjustment and social skills. *Intellectual and Developmental Disabilities*, 45(3), 174-181.
- Ryan, W., & Smith, J. D. (2009). Anti *bullying* programs in schools: How effective are evaluation practices? *Prevention Science*, 10(3), 248-259.
- Schultz, D., Tharp-Taylor, Shannah, Haviland, A. ,& Jaycox, L. (2009). The relationship between protective factors and outcomes for children investigated for maltreatment. *Child Abuse & Neglect*, 33, 684-698.
- Silva, A. T. B., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2000) Relacionamento pais-filhos: um programa de desenvolvimento interpessoal em grupo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 3(3), 203-215
- Smith, P. K., & Brain, P. (2000). *Bullying* in schools: lessons from two decades of research. *Aggressive Behavior*, 26, 1-9.
- Sutton, J., Smith, P. K., Swettenham, J. (1999a). *Bullying* and ‘Theory of Mind’: A Critique of the ‘Social Skills Deficit’ View of Anti-Social Behaviour. *Social Development*, 8(1), 117-127.
- Torres, J. V., & Acevedo, F. L. (2009). *Violencia Escolar (bullying): Qué es y como intervenir?* Centro de Estudios Evolutivos e Intervención en el Niño (CEEIN). Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Psicologia. Universidad del Desarrollo.

- Tremblay, R. E., Pagani, L. Mâsse, L. C., Pagani, F., & Pihl, R. O. (1995). A bimodal preventive intervention for disruptive kindergarten boys: Its impact through mid-adolescence. *Journal of Consulting & Clinical Psychology, 63*, 560-568.
- Trombeta, L. H., & Guzzo, R. (2002). *Enfrentando o Cotidiano Adverso: Estudo sobre Resiliência em Adolescentes*. Campinas, Alínea.
- Vila, E. M., & Del Prette, A. (2009). *Relato de um programa de treinamento de habilidades sociais com professores de crianças com dificuldades de aprendizagem*. In: S. R. de Souza, & V. B. Haydu. (Org.), *Psicologia Comportamental Aplicada: Avaliação e intervenção nas áreas do esporte, clínica, saúde e educação* (pp. 113-135). Londrina: EDUEL.
- Vreeman, R. C., & Carroll, A. E. (2007). A systematic review of school-based interventions to prevent bullying. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine, 161*(1), 78-88.
- Woods, S., Wolke, D., Nowicki, S., & Hall, L. (2009) Emotion recognition abilities and empathy of victims of bullying. *Child Abuse & Neglect, 33*(5), 88-94.
- Zegarra, S. P., Barrón, R. G., Marqués, C. M., Berlanga, J. F., & Pallas, C. M. (2009). Diferencias conductuales según género en convivencia escolar. *Psicolhema, 21*(3), 453-458

2 UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS HABILIDADES SOCIAIS DE CRIANÇAS ENVOLVIDAS NO BULLYING

RESUMO: Este artigo se propôs a investigar as habilidades sociais e comportamentos de vitimização e agressividade de 221 crianças de nove a 14 anos ($M = 11,21$, $DP = 1,025$) regularmente matriculadas em duas escolas públicas da cidade de Novo Hamburgo, RS. Os participantes responderam a um questionário com dados sóciobiodemográficos, um sobre habilidades sociais e outro questionário sobre comportamentos sociais (*bullying* e comportamentos pró-sociais). Correlações entre as variáveis mostraram que comportamentos de socialização e vitimização se associam positivamente à agressividade. Ou seja, crianças que são agressivas podem ter sua socialização aumentada, assim como serem vítimas de *bullying* e vice-versa. O comportamento de Isolamento Ativo se correlacionou positivamente com vitimização, mostrando que ser vítima aumenta o risco do isolamento social e que se a criança for isolada ativamente pode ser vítima de *bullying*. Teste T de Student mostra que a agressividade foi maior entre as meninas do que entre os meninos, indo de encontro à literatura existente. Em contrapartida, as habilidades sociais da amostra em geral foram consideradas positivas e estão associadas a comportamentos de socialização. Uma equação de regressão múltipla, entretanto, mostra que mesmo tendo adequadas habilidades sociais, se a criança for agressiva está em risco para sofrer *bullying*. Esses dados remetem e problematizam a dinâmica de risco e proteção no processo de *bullying*. A compreensão das habilidades sociais é necessária também na interpretação do fenômeno *bullying*, a fim de possibilitar a implementação de intervenções clínicas eficazes que sirvam como um fator de proteção para os problemas de agressividade em diferentes contextos.

Palavras-chave: Bullying, Habilidades Sociais, Agressividade.

ABSTRACT: The present paper aimed to investigate victimization behaviors and social skills of 221 children and pre-adolescents from nine to 14 years-old ($M = 11,21$, $SD = 1,025$) regularly enrolled in two public schools, in Novo Hamburgo city, South Brazil. Participants answered to a socio-demographical questionnaire, a social skills self-report measure and a peer assessment about social behaviors (*bullying* and prosocial acts). Significant correlations between variables show that socialization and victimization behaviors are positive associated to aggression. In other words, aggressive children can increase their socialization and vice-versa. Also victimized children may become more aggressive or the opposite aggressive children can increase chances to be victimized. Active withdrawal was positively correlated to victimization showing that being a victim increases children's withdrawal and children's withdrawal can led a child to be victimized. A Student T Test showed that girls were perceived as more aggressive than boys contrary to the existent literature. The mean for the entire sample on social skills showed positive level of social skills and this variable was positively correlated to socialization. A multiple regression showed, therefore, that even having adequate social skills if a child is aggressive, she is at risk for victimization (*bullying*). These data allows discussing risk and protection dynamic in *bullying* process. The social skills comprehension is necessary for a complete understanding and interpretation of *bullying* process to implement effective clinical interventions that may act as protective factors to aggressive problems in different contexts.

Keywords: Bullying, Social Skills, Aggression.

2.1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se propôs a investigar a associação entre habilidades sociais e *bullying*. Acredita-se que quanto mais cedo a criança for estimulada socialmente, mais chances ela terá de desenvolver interações sociais mais adequadas ao longo dos anos (Bussab, 1999). Neste sentido e frente às modificações culturais e sociais constantes, cada vez mais, a criança é exigida a adaptar-se a novas demandas e regras sociais (Del Prette & Del Prette, 1999). É esperado que os jovens possam melhorar e ampliar o seu repertório de habilidades sociais no contexto em que vivem a fim de contribuir na construção de relacionamentos saudáveis, não-violentos. Portanto, é de extrema importância conhecer as habilidades sociais e a relação com o processo de *bullying*, visando à prevenção e tratamento para este tipo de problema (Del Prette & Del Prette, 2003).

Bullying é o fenômeno pelo qual uma criança ou jovem é sistematicamente agredido, sem motivação aparente por um ou mais agressores (Olweus, 1993). Este fenômeno é considerado como um problema social grave devido aos altos índices de prevalência e os efeitos negativos para o desenvolvimento das vítimas e agressores (Antunes & Zuin, 2008; Lopes Neto, 2005).

O termo *bullying* não possui tradução literal para o português. Termos como “maus tratos entre pares” ou “vitimização” podem ser utilizados embora não sejam equivalentes literais (Lisboa, Braga, & Ebert, 2009). A opção pela não-tradução seguida de adequada conceituação e definição justifica-se pela preocupação em não deixar de abranger a complexidade deste processo (Lisboa, 2005).

Alguns estudos evidenciam similaridades no fenômeno *bullying* em diferentes investigações quanto às questões de gênero e frequência. Estes estudos demonstram que os meninos são de três a quatro vezes mais violentos fisicamente que as meninas e que as mesmas apresentam mais a agressão relacional (Elias & Maher, 2007; Hawker & Bolton, 2000; Lecannelier, 2005; Nansel *et al.*, 2004; Smith & Brain, 2000).

Com relação aos índices do *bullying*, Fante e Pedra (2008) referem que 160 mil alunos americanos faltam às aulas por medo de sofrer *bullying*, sendo que 81% dos alunos admitiram exercer *bullying* na escola. Segundo os dados do IBGE (2009), quase um terço dos alunos (30,8%) respondeu ter sofrido *bullying* alguma vez, sendo que entre alunos de escolas privadas, o processo de *bullying* parece ocorrer em maior proporção (35,9%) do que em alunos de escolas públicas (29,5%). Cerca de 12,9% dos estudantes se envolvem em alguma briga com agressão

física, chegando a 17,5% entre os meninos e 8,9% entre as meninas. Lamentavelmente, no Brasil é possível encontrar índices altos de *bullying* comparado com outros países como Argentina, Chile, Espanha e México (Fante & Pedra, 2008).

Além disso, este tipo de violência tem sido divulgado diariamente pela mídia e pelos meios de comunicação nacionais e internacionais. A preocupação social é pertinente, uma vez que este fenômeno tem alcançado uma dimensão cada vez maior nos últimos anos, sendo que outros modos de intimidação como o *cyberbullying*, vem também se multiplicando nos meios de comunicação virtual. Sobre este tipo de violência praticada entre os jovens e adultos, Faustino *et al.* (2008) alegam que a comunicação tanto pode proporcionar uma interação saudável entre as pessoas, como pode reforçar formas alternativas de manifestação da agressão.

Em relação aos papéis sociais no *bullying*, os participantes podem ser classificados, como: vítimas, agressores, reforçadores (grupo de seguidores), vítimas/agressores e testemunhas (Salmivalli *et al.*, 1998). Em um estudo de Fox e Boulton (2006), realizado nos Estados Unidos com 229 crianças com idades entre oito e 13 anos, foi evidenciado que problemas internalizantes (ansiedade/depressão) e externalizantes (agressão, problemas disruptivos) estavam fortemente relacionados à vitimização quando as crianças mantinham poucos amigos ou quando tinham amigos incapazes de exercer uma função protetiva.

O fato de ser vítima aumenta o risco de apresentar comportamentos disfuncionais que implicam no reforçamento de distorções cognitivas para as crianças, sendo que o vínculo de amizade positivo e a aceitação entre um grupo de iguais servem como fatores de proteção em crianças vítimas de *bullying* que apresentam problemas de habilidades sociais (Schwartz *et al.*, 1997).

Em relação às crianças agressoras em situações de *bullying*, estas possuem quatro vezes mais chance de se envolver com criminalidade na fase adulta do que aquelas que nunca se envolveram em situações de *bullying* (Sourander *et al.*, 2007). Ao longo da vida, a interpretação que o agressor faz das condutas de temor da vítima não são percebidas como um sinal de sofrimento e pedido de ajuda, mas como um sinal para contribuir no aumento da agressão. É muito comum, portanto, o agressor pensar que para se defender dos outros é necessário agredir (Orza, 1997). O modelo mental ou a representação que o sujeito tem do mundo, de si e do outro tem um importante papel na constituição da subjetividade e no seu desenvolvimento psíquico e interacional.

Com base nesta breve explanação sobre os fatores de risco, características e definições do *bullying*, é relevante investigar outras questões referentes a este tipo de comportamento como forma de aprofundar a compreensão e auxiliar no planejamento das estratégias de intervenção. Sabe-se que a infância tem sido apontada como um período crítico para o desenvolvimento das habilidades sociais (Bandeira *et al.*, 2006), e uma atenção especial a este período da vida pode prevenir o aparecimento de comportamentos agressivos (Baraldi & Silvares, 2003).

As habilidades sociais são aprendidas (Del Prette & Del Prette, 2001) e se definem pelas combinações entre as características formais e funcionais de determinadas respostas sociais. A diversidade desta combinação abrange um amplo conjunto de classes de comportamentos que podem ser classificadas como: habilidades sociais de comunicação, assertividade, empatia, solução de problemas interpessoais, controle das emoções, participação (comprometimento com o contexto social), entre outras habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2008). Cada uma dessas classes é geralmente composta por subclasses, como por exemplo, perguntar, responder, concordar, defender-se de acusação injusta, elogiar, compreender sentimentos alheios e expressar os seus próprios sentimentos, questionar e mediar conflitos entre os colegas, entre outras (Del Prette & Del Prette, 2008).

É importante salientar que existem diferenças entre os conceitos de desempenho, competência e habilidade social, que são importantes de serem destacados. O desempenho diz respeito a um comportamento ou uma sequência destes em uma determinada situação social. Já competência é uma propriedade avaliativa do desempenho, e, por fim, as habilidades sociais podem ser compreendidas como o conjunto dos desempenhos expressados pelo indivíduo diante das demandas de uma situação interpessoal. Os termos competência e habilidade, apesar de serem diferentes, estão intimamente relacionados (Castro, Melo, & Silvares, 2003).

Existem muitas definições acerca do comportamento socialmente hábil, sendo que este conceito depende do contexto cultural, pois o comportamento considerado apropriado e hábil em uma determinada cultura pode ser impróprio em outra, além do que o grau de eficácia de uma pessoa dependerá do seu objetivo numa dada situação (Caballo, 2003; Meichenbaum, Bluter, & Gruson, 1981).

Atualmente, ser socialmente competente e preservar boas habilidades sociais (HS) são importantes características numa sociedade complexa (Myrick & Marorell, 2011). Para tanto, as contribuições da Psicologia Positiva refere aspectos individuais relacionados à resiliência e

habilidades sócio-cognitivas com maior enfoque no âmbito da prevenção de aspectos sádios do ser humano (Seligman & Peterson, 2003).

Diversos autores discutem a resiliência e o desenvolvimento das habilidades sociais como fatores de proteção capazes de contribuir para a saúde mental (Comodo & Del Prette, 2010; Palma & Del Prette, 2011; Pesce *et al.*, 2004; Morais & Koller, 2004; Schultz *et al.*, 2009; Yunes, 2003). Características individuais como a capacidade de sentir e expressar emoções pode ser um dos principais fatores de proteção capaz de sustentar o processo de resiliência em situações de vulnerabilidade (Paludo & Koller, 2004). Dessa forma, o incentivo de manifestações de expressões positivas de afeto, de bem-estar subjetivo e contextual, bem como, de comportamentos de empatia, assertividade, autocontrole, entre outros, são condições necessárias para a obtenção da qualidade de vida e satisfação interpessoal e intrapessoal.

Sendo assim, fortalecer e promover as habilidades, principalmente nos primeiros anos de vida na interação com os pais e cuidadores, colabora para a diminuição de conflitos e fomenta o processo de resiliência (Del Prette & Del Prette, 2010; Trombeta & Guzzo, 2002). Acredita-se, portanto, que as pesquisas empíricas sobre aspectos sádios do desenvolvimento podem contribuir de forma significativa na promoção dos fatores de proteção e dos processos de resiliência em situações de risco, por exemplo, o *bullying* (Schultz *et al.*, 2009).

2.2 HABILIDADES SOCIAIS E BULLYING

Pesquisas científicas (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002; Elias & Tobias, 1996) demonstram que comportamentos agressivos possuem alguns fatores preditivos, tais como: o comprometimento do desenvolvimento socioemocional e de habilidades interpessoais nas fases iniciais do desenvolvimento. Em relação às vítimas e aos agressores do *bullying*, verifica-se que estes jovens tendem a exibir habilidades sociais pobres (Fox & Boulton, 2005; Larke & Beran, 2006), ao contrário das crianças que apresentam comportamento pró-social e que não se envolvem em situações de vitimização. Entretanto, parece ainda haver controvérsia entre pesquisadores sobre as habilidades de agressores e vítimas do *bullying* (Dautenhahn, Woods, & Kaouri, 2007; Larke & Beran, 2006).

No âmbito internacional, existem poucos estudos no que tange à compreensão dos aspectos relacionados às habilidades sociais e *bullying* (Champion, Vernberg, & Shipman, 2003;

Fox & Boulton, 2005; Heydenberk *et al.*, 2006; Sutton *et al.*, 2003; Peeters, Cillessen, & Scholte, 2010). É importante realizar mais estudos neste sentido, a fim de elucidar se existe relação entre habilidades sociais e *bullying* e como se dá esta associação (Larke & Beran, 2006).

Em relação às vítimas do *bullying*, vários estudos têm demonstrado que estas tendem a exibir habilidades sociais pobres (Champion, Vernberg, & Shipman, 2003; Fox & Boulton, 2005; 2006; Larke & Beran, 2006), ao contrário das crianças que apresentam comportamento pró-social. Sabe-se que essas crianças vítimas sofrem rejeição e demonstram falta de interesse para fazer amigos e manter estas amizades. Neste caso, a inabilidade social poderia favorecer a exclusão social (Hubbard, 2001). Nesta linha de raciocínio, pode-se pensar que o envolvimento de ser vítima ou agressor do *bullying* pode influenciar o desenvolvimento das habilidades sociais.

Conforme Bejerot, Edgar & Humble (2011), as crianças que possuem habilidades sociais pobres e, normalmente, são denominadas como “chatas”, “estranhas” ou “desagradáveis” e esta condição pode indicar um risco aumentado para se tornarem vítimas de *bullying*. Além disso, é comum as vítimas relatarem que os colegas possuem dificuldades para compreendê-los, sentindo-se diferentes dos demais.

Tem sido proposto que as crianças que intimidam outros podem ter menos empatia em relação aos sentimentos das vítimas. Neste sentido, ao desenvolver a habilidade empática facilita-se um comportamento pró-social, sendo possível inibir comportamentos anti-sociais, tais como, o *bullying* (Raskauskas, Gregory, Harvey, Rifshana, & Evans, 2010).

Endresen e Olweus (2002) encontraram em 2.286 estudantes noruegueses, com idades entre 13-16 anos, escores mais baixos de empatia associados aos comportamentos agressivos. Similarmente, Warden e Mackinnon (2003) investigaram crianças de nove a dez anos do Reino Unido e os achados diferiram de acordo com o gênero, pois as meninas que eram menos intimidadas tiveram maior capacidade de empatia do que os meninos.

Enfim, esta pesquisa será compreendida a partir de uma perspectiva da Psicologia Positiva (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000; Seligman & Peterson, 2003) e está orientada pela Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) (Beck, 1997) que pressupõe que pensamentos, comportamentos e emoções estão dinamicamente interligados e pensamentos disfuncionais podem ser ressignificados a fim de influenciarem em comportamentos mais saudáveis na esfera social. Dessa forma, objetivou-se investigar a associação entre habilidades sociais de crianças e o

processo de *bullying*, entendendo a dinâmica de risco e proteção e considerando a complexidade deste fenômeno.

2.3 MÉTODO

2.3.1 Delineamento

Estudo transversal, quantitativo.

2.3.2 Participantes

Participaram 221 crianças - 109 meninos e 112 meninas, entre nove a 14 anos de idade, (M= 11,21, DP=1,025) regularmente matriculadas em duas escolas públicas de Novo Hamburgo-RS, no quinto e sexto ano escolar. A amostra foi selecionada por conveniência. Como critérios de exclusão, aponta-se: a) ser portadora de déficit cognitivo, b) ser portadora de necessidades especiais.

2.3.3 Instrumentos para a Coleta de Dados

a) **Questionário sóciobiodemográfico:** Questionário com informações sobre os dados de identificação das crianças e dos pais.

b) **Instrumento de medida de reputação social na opinião dos colegas - Peer assessment of social reputation. O Revised Class Play - RCP** (Masten, Morison & Pelegrini, 1985): Esta escala investiga a percepção do grupo de pares sobre a reputação social dos membros de um grupo/contexto. A criança deve selecionar dentre seus(suas) colegas aquele(a) que melhor se encaixa ou se parece com cada uma das 34 características sugeridas. A criança tem de nomear somente um colega por item, mas podem selecionar um mesmo colega para dois itens (comportamentos) diferentes. O número de vezes que uma criança foi nomeada para cada papel foi computado e, a partir de um levantamento de frequências (de citações), foram construídas variáveis contínuas para os comportamentos: Agressividade ($\alpha = 0,877$), Vítimização *Bullying* (α

= 0,697), Isolamento Ativo ($\alpha = 0,845$) e Socialização ($\alpha = 0,921$). As citações e suas frequências foram codificadas como escores para cada participante.

c) Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais (*Social Skills Rating System*, - SSRS). Originalmente produzido nos Estados Unidos, por Gresham & Elliott (1990), em versão adaptada para o Brasil por Bandeira, Del Prette, Del Prette e Magalhães (2009). Este instrumento contém formulários que permitem avaliar habilidades sociais, problemas de comportamento e desempenho acadêmico e pode ser usado com alunos de pré-escola e ensino fundamental. Os formulários são apresentados em três versões: para auto-avaliação do aluno, para pais e para professores. Neste estudo, somente foi utilizado o formulário para crianças, sob a forma de auto-avaliação, contendo 34 itens que compreendem cinco subescalas (empatia, assertividade, evitação de problemas, expressão de sentimento, controle das emoções). Foi possível analisar somente o escore geral das habilidades sociais ($\alpha = 0,833$), sendo que as subescalas não foram utilizadas na análise dos dados desta pesquisa em vista de que o valor (α) foram baixos.

2.3.4 Procedimentos

O projeto de Pesquisa foi aprovado pelo Comitê de ética da Unisinos. A coleta de dados foi realizada de forma coletiva nas escolas, sendo que os pais das crianças participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todas as exigências éticas foram respeitadas de acordo com a Resolução n.196/1996-Conselho Nacional de Saúde e Resolução n. 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia.

2.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram verificadas as médias e desvio-padrão das variáveis do estudo. A média para amostra no instrumento que avalia habilidades sociais (SSRS) foi de 45,79 pontos (DP=8,51), indicando bom repertório de habilidades sociais com resultados dentro da média para a maior parte dos fatores e itens. Para os meninos, a média foi de 44,88 (DP=8,83), e para as meninas a média foi de 46,67 (DP=8,13).

Tabela 1: Médias, desvio-padrão das variáveis do estudo - Habilidades Sociais e Bullying:

	Maximo	Minimo	M	DP
RCP Socialização	31,82	00	4,2869	4,62155
RCP Agressividade	28,57	00	3,0886	4,20950
RCP Isolado	22,14	00	3,0462	3,26183
RCP Vitima	17,86	00	2,9767	2,82564
<i>Bullying</i>				

Estas informações presentes na tabela informam estatísticas descritivas do estudo.. Com relação às médias da amostra em agressividade, socialização e vitimização, convém salientar que o instrumento usado não aponta um ponto de corte que permite pensar em escores altos ou baixos de maneira universal.

Calculou-se, também, Teste T de *Student* a fim de verificar diferenças de gênero e entre os grupos de crianças com relação aos comportamentos de Socialização, Agressividade, Isolamento Ativo e Vitimização - a partir do instrumento RCP. Foi possível identificar médias mais altas de agressividade nas meninas (M=3,23, DP= 4,06) do que nos meninos (M=2,9366, DP= 4,37126, $t = -5,29$, $p \leq 0,05$). Para pensar este resultado pode-se salientar que os comportamentos podem ser minimizados ou reforçados em um determinado ambiente físico, social e cultural de acordo com os modelos de conduta que a criança recebe ao longo da vida (Bandura, 1969; Bronfenbrenner, 1979).

Contudo, os níveis elevados de agressividade feminina, captados pelo instrumento podem ser explicados com base na realidade atual em que as mulheres, cada vez mais, estão se inserindo no mercado de trabalho e sua conduta mais pró-ativa e firme pode servir de modelo de atitudes positivas mas, também, de condutas de agressividade negativa. Ou seja, as meninas podem estar mais agressivas em função de modificações do contexto sócio-cultural e do papel feminino atualmente (Pelegrini & Martins, 2010). Também é importante considerar que o instrumento utilizado seja sensível a formas de agressividade femininas - mais indiretas - e por isto aponta as meninas mais agressivas que os meninos.

Correlações de Pearson mostram uma associação positiva entre Agressividade e Vitimização ($r = 0,432$, $p < 0,05$). Significa dizer que ser agressivo é um risco para ser vitimizado e

que, da mesma forma, as vítimas podem vir a manifestar comportamentos agressivos. Sendo assim, estudos mostram que as vítimas podem apresentar, conjuntamente, características de passividade e de agressividade reativa, o que poderia explicar este resultado (Salmivalli, 1998; Smith, 1998), sendo denominadas como vítimas-agressoras (*bullies-vítimas*).

As vítimas-agressoras podem mudar de papel conforme as circunstâncias do momento e o contexto em que se encontram. São crianças que ora sofrem e se sentem oprimidas, ora praticam o *bullying*, necessitando defender-se de alguma situação adversa (Almeida, 2000). Neste sentido, existe uma grande incidência de crianças que são agressoras-vítimas, sendo que as crianças vítimas e agressoras mais se assemelham do que se diferenciam (Binsfeld & Lisboa, 2010; Salmivalli, 1998; Salmivalli & Voeten, 2004).

Foi possível observar, também, uma correlação positiva entre Agressividade e Socialização, sendo possível notar que crianças vistas pelos colegas como agressivas são também vistas como tendo comportamentos pró-sociais e vice-versa ($r=,168$, $p\leq 0,05$). Este dado corrobora o estudo de Peeters, Cillessen & Scholte (2010) no qual afirmam que os agressores são percebidos como populares podendo ter um alto nível de inteligência social. Sendo assim, acredita-se que os agressores necessitam se manter no poder social e manipular o grupo no qual se relacionam (Caravita & Blasio, 2008; Jacobson, 2010).

Conforme Farmer e Xie (2007), os jovens agressores são normalmente vistos pelos professores e colegas como tendo status central e de destaque dentro da hierarquia social, sendo aceitos no grupo. Sugere-se que os mesmos usufruem da agressão, também, para evitar transgressões por parte dos outros e, conseqüentemente, maiores incidentes (LaFontana & Cillessen, 2002; Lease, Musgrove, & Axelrod, 2002).

Lisboa e Koller (2009) observaram em seu estudo uma valorização dos amigos agressivos por parte do grupo, atribuindo-se a esses o papel, inclusive, de protetores contra uma possível experiência de vitimização. A agressividade, neste caso, pode ser percebida como positiva no grupo, influenciando no aumento da socialização (Pearce & Thompson, 1998).

Estes fatos e dados sugerem que os agressores são capazes de apresentar competências e habilidades cognitivas e sociais (Caravita & Blasio, 2008; Sutton, 2003). Entretanto, convém salientar que no presente estudo as habilidades sociais não correlacionaram-se positivamente com agressividade. Este resultado pode ser entendido pela característica da amostra e também pelos instrumentos adotados. Ou seja, agressividade e habilidades sociais são construtos complexos,

multifacetados e dinâmicos e os aspectos de agressividade e habilidades sociais estudados nesta pesquisa não se associaram.

Comportamentos de Isolamento Ativo e Vitimização mostraram-se correlacionados positivamente. Sugere-se que quanto mais isolada for a criança, aumentam as chances de se tornar vítima ($r=,404$, $p<0,05$) e vice-versa. Este dado vem ao encontro ao estudo de Fox e Boulton (2006), realizado nos Estados Unidos com 229 crianças com idades entre oito e 13 anos, no qual evidenciou problemas de ansiedade, depressão e isolamento fortemente relacionados à vitimização.

As crianças vítimas de *bullying* são, normalmente, passivas, inibidas e apresentam uma percepção negativa de si mesmas e da situação em si, sendo que não conseguem visualizar alternativas para mudar a situação. Estes aspectos configuram-se como um fator de risco para novas situações de vitimizações, sendo que o contrário também é possível ocorrer, crianças que sofrem vitimização podem começar a se isolar ativamente do grupo de pares (Hubbard, 2001). A atitude evitativa e de isolamento promove uma crença negativa de si mesmo (a) e pode deixar as crianças com senso de baixa auto-eficácia (Bandura, 1997; Pajares, 2002).

Assim, diversos estudos referem que crianças vítimas de *bullying* possuem poucas ou deficitárias habilidades sociais (Bejerot, Edgar, & Humble, 2011; Biggs, Simpson, & Gaus, 2010; Hubbard, 2001; Sutton, 2003; Wiener & Mak, 2009) e confirmam a ideia de que é provável que estas crianças estejam vulneráveis a um risco maior de se isolar do grupo de iguais. Entretanto, a Vitimização está sobreposta ao Isolamento Ativo e não se pode precisar o que é causa ou consequência.

Ainda sobre as crianças vítimas, Jacobson (2010) ratifica a ideia de que é possível ter um risco maior de se tornar vítima ao longo da vida quando se tem poucas ou deficitárias habilidades sociais, lembrando que a inabilidade social poderia ser um reforçador positivo para a exclusão social (Hubbard, 2001). A literatura aponta que o risco de se tornar vítima e/ou agressora no *bullying* é três vezes maior quando se tem algum tipo de prejuízo em suas habilidades motoras e sóciocognitivas (Bejerot, Edgar, & Humble, 2011; Kaukiainen, *et al.*, 1999; Horne *et al.*, 2004; Olweus, 1993; Pellegrini & Long, 2004; Rigby, 2002; Espelage & Swearer, 2004). O inverso é verdadeiro, em relação ao estudo de Zegarra, Barrón, Marqués, Berlanga e Pallas (2009), pois o indivíduo que participa e se envolve com o fenômeno *bullying* enquanto vítima pode apresentar déficits em suas habilidades sociais ao longo dos anos.

Foi possível identificar correlação positiva ($r = 0,243$, $p < 0,05$) entre habilidades sociais e a subescala socialização do instrumento RCP, revelando que quanto maior o nível de habilidades sociais do indivíduo, maior a capacidade do indivíduo de manter bons vínculos afetivos. Da mesma forma, quanto mais sociável for a criança, mais habilidades sociais esta pode apresentar (Bussab, 1999; Del Prette & Del Prette, 1999).

Nesse sentido, acredita-se que ao usufruir de relacionamentos sociais positivos na infância e adolescência, o indivíduo está favorecendo o bem-estar subjetivo e os níveis de aprendizado, o que enriquece o repertório das habilidades sociais. Sendo assim, ter boas habilidades sociais pode favorecer a socialização em diferentes contextos (Del Prette & Del Prette, 2005), fazendo com que o indivíduo constitua um repertório elaborado de competências sociais, a partir de estímulos e incentivos que receba durante o seu desenvolvimento psicossocial.

As interações sociais bem sucedidas incluem a manifestação de duas habilidades conhecidas na literatura: a empatia e a assertividade (Falcone, 2001; Falcone *et al.*, 2001). Estas são habilidades essenciais para o bom convívio entre as pessoas, tornando-as capazes de manterem boas amizades, evitar conflitos e de desfrutar de uma boa qualidade de vida.

A literatura brasileira relacionada à empatia aponta que os estudos teóricos e empíricos (Garcia, 2001; Del Prette & Del Prette, 2005) estão adquirindo maior visibilidade neste assunto pela importância que existe, cada vez mais, de conseguirmos ser capazes de se colocar no lugar do outro. No âmbito internacional, é possível encontrar alguns estudos que relacionam correlação negativa entre empatia e *bullying* (Jolliffe & Farrington, 2006; Woods *et al.*, 2009), assim como, entre comportamento agressivo e empatia (Bjoerkqvist & Oesterman, 2000; Nesdale, *et al.*, 2006).

Acredita-se que o desenvolvimento da habilidade empática depende das condições de socialização da criança no ambiente familiar, assim como em outros contextos sociais (Pavarino *et al.*, 2005), sendo que a interação ou a díade mãe-bebê se constitui como um momento decisivo para o desenvolvimento da empatia na criança (Brazelton, 1994, 1998). Uma limitação do presente estudo foi a baixa consistência interna das subescalas do instrumento utilizado para avaliar habilidades sociais, apontada pelo Alfa de Cronbach. Este fato aponta a necessidade do desenvolvimento de instrumentos mais específicos para avaliação de habilidades sociais na infância.

O treinamento de habilidades sociais nas escolas pode servir como fator de proteção (Del Prette & Del Prette, 2003), sendo importante valorizar as relações positivas entre professores e alunos (Hattie, 2008; Raskauskas *et al.*, 2010; Yan, 2009). A escola é um contexto propício para favorecer o desenvolvimento de habilidades sociais (Gálvez & Castillo, 2002; Pavarino *et al.*, 2005). Os pais, através de suas práticas e estilos parentais também podem favorecer a socialização dos filhos (Hutz, 2006; Lee, 2010; Silva, 2000; Wagner & Bem, 2006).

Como referido anteriormente, as habilidades sociais das crianças do presente estudo foram analisadas somente com base no escore total, não sendo possível analisar as subescalas devido aos valores baixos dos alfas de Cronbach, dentre eles: Responsabilidade ($\alpha = 0,680$), Empatia ($\alpha = 0,382$), Assertividade ($\alpha = 0,512$), Autocontrole ($\alpha = 0,327$), Evitação de Problema ($\alpha = 0,252$) e Expressão de Sentimento Positivo ($\alpha = 0,563$). Foi possível, portanto, identificar que as habilidades sociais tanto das meninas (pontuação média de 46,67, percentil 65) como dos meninos (pontuação média de 44,88, percentil 60) encontram-se, praticamente, no mesmo nível de capacidade quanto às suas características, indicando um bom repertório de habilidades sociais.

Sobre este resultado encontrado na presente pesquisa, é possível destacar alguns estudos que também identificaram valores dentro da média no que se refere às habilidades sociais de crianças envolvidas no *bullying*, por exemplo, em relação à população de portadores de necessidades especiais, com jovens com um quadro de epilepsia ou crianças obesas (Hamiwka, Yu, Hamiwka, Sherman, Anderson, & Wirrell, 2009; Lumeng, Forrest, Appugliese, Kaciroti, Corwyn, & Bradley, 2010; Reiter & Lapidot-Lefter, 2007). Nestes casos, o fato de ter boas habilidades não parece proteger o indivíduo de situações de *bullying*.

Nota-se que nestes estudos referidos, a população que se encontra envolvida em situação de *bullying*, apresenta algum tipo de vulnerabilidade, seja física ou neurológica e, mesmo assim, demonstram ter adequadas habilidades sociais. Em relação a isto, pode ser que existam outros atravessamentos entre estes temas que influenciaram os resultados do presente estudo.

Um aspecto importante que pode ser considerado para a compreensão dos dados da atual pesquisa, é o fato de que os jovens, em sua maioria, estejam banalizando o fenômeno da violência em geral (Lisboa, Braga, & Ebert, 2009; Reiter & Lapidot-Lefter, 2007), o que tem favorecido o aumento da agressão e contribuído fortemente para a degradação do clima escolar e das relações sociais (Abramovay, 2005). Esta autora aponta, ainda, que nos estabelecimentos de ensino, a violência não tem sido vivenciada como atos de agressividade, e sim como o modo habitual e

cotidiano de relacionamento. Enfim, uma vez que as habilidades sociais são aprendidas e que o seu desempenho varia em função das variáveis situacional-culturais (Del Prette & Del Prette, 2001), infere-se que comportamentos inadequados podem se tornar cada vez mais frequentes em ambientes em que a violência seja reforçada, seja no meio escolar ou familiar.

Diante disso, considerou-se um dado positivo que as crianças da amostra em geral tenham boas habilidades sociais. Isto pode sugerir que, em geral, estas crianças apresentem boa auto-estima e um nível de auto-eficácia satisfatório, o que pode vir a favorecer adequados relacionamentos interpessoais e êxito ao escolher soluções para lidar com eventos estressantes. As habilidades sociais, portanto, são extremamente relevantes para o desenvolvimento socioemocional e o ajustamento do indivíduo (Del Prette, 2005).

Neste sentido, a escola pode oferecer exercer uma função cultural mais ampla que possibilite uma maior integração entre esta instituição e a comunidade, favorecendo ao educando o desenvolvimento de suas capacidades e potencialidades para o desempenho social, profissional e acadêmico (Corrêa, 2008). Considerando, ainda, que os pais podem influenciar as condutas de seus filhos através das práticas e estilos parentais (Land & Lisboa, 2011), o desenvolvimento das habilidades sociais pode ser incentivado através do esforço conjunto dos pais e professores a fim de prevenir e diminuir a violência, adequando suas propostas educativas e suas diretrizes de ação com base nas diversidades socioculturais, necessidades socioemocionais e dificuldades de cada aluno (Del Prette & Del Prette, 2002; Silva, 2011). Dessa forma, estimula-se a promoção da resiliência e o desenvolvimento das habilidades sociais enquanto fatores de proteção à saúde mental (Comodo & Del Prette, 2010; Palma & Del Prette, 2011; Pesce *et al.*, 2004; Morais & Koller, 2004; Schultz *et al.*, 2009; Yunes, 2003).

Uma outra explicação referente aos valores medianos das habilidades sociais encontrados nesta pesquisa, se deve ao fato de que os agressores também podem apresentar habilidades dentro da média ou superiores em relação às demais crianças (Sutton, 2003), lembrando que existem controvérsias entre alguns pesquisadores sobre as habilidades dos agressores do *bullying*. Neste sentido, alguns autores acreditam que as habilidades dos agressores estejam realmente sendo subestimadas, uma vez que é comum pensarem que o agressor é marginalizado, excluído e que apresenta déficits em suas habilidades (Dautenhahn, Woods, & Kaouri, 2007; Larke & Beran, 2006).

Pesquisas científicas acrescentam dados importantes ao referir que a qualidade das habilidades independem do fato de ter ou não um comportamento agressivo. O estudo de Caravita *et al.* (2010), encontrou que os agressores líderes possuem habilidades para prever o comportamento dos outros, compreender os estados mentais dos outros (empatia cognitiva), escolher a criança mais vulnerável, manipulando-a e tratando-a de forma negativa. Portanto, o fato de ter empatia não impede o sujeito de apresentar comportamento agressivo, corroborando com a literatura (Gini, Albiero, Benelli, & Altoè, 2007; Jolliffe & Farrington, 2006), pelo contrário, este tipo de habilidade auxilia na obtenção do comportamento agressivo.

Acredita-se que as crianças que apresentam características manipulativas no *bullying* indireto, estejam demonstrando que conseguem se ajustar adequadamente no meio social no intuito de convencer os demais a realizarem a exclusão e, por este motivo, podem estar evidenciando habilidades mais refinadas de manipulação (Sutton *et al.*, 1999). Outro recente estudo realizado com 211 alunos entre oito e onze anos de idade, matriculados na quarta e quinta série do ensino fundamental em três escolas do norte da Itália, revela que os agressores apresentavam maiores habilidades do que outras crianças (vítimas, defensores das vítimas ou demais crianças que reforçavam a agressão) (Caravita, Blasio, & Salmivalli, 2010).

Identifica-se, portanto, que existem consequências negativas da agressividade em contraste com as vantagens, muitas vezes, deste tipo de comportamento (Lisboa, 2005). Assim, é necessário, cada vez mais, entender a dinâmica dos fatores de risco e proteção, bem como a função do comportamento agressivo.

Neste sentido, acredita-se que a dinâmica social da agressividade e vitimização parece se mostrar de forma complexa, no sentido de que outros fatores, tais como o modo em que a violência é percebida e, dessa forma, como ela é utilizada e sob quais propósitos, aparecem como fatores determinantes no entendimento da agressão e dos componentes que envolvem as habilidades sociais. Para tanto, é importante se ater para as circunstâncias que estão favorecendo os jovens, com adequado desempenho social, a manterem-se em condutas agressivas. Entender, portanto, os entrelaçamentos que estão reforçando esta conduta pode ser um ponto de partida para prevenir este tipo de violência.

Assim sendo, é importante salientar que a agressividade não deve ser compreendida somente como um comportamento saudável e positivo. Lisboa (2005) refere que, dependendo da forma e da função do comportamento agressivo e o ambiente em que ele aparece, pode ser

considerado adaptativo ou não, podendo ter vantagens (dominação) ou desvantagens (exclusão) neste processo.

É possível que a agressividade possa surgir como um comportamento adaptativo, necessário a todo ser humano que busca adaptar-se ao meio na tentativa de se sentir bem (Lisboa, 2005). No caso, a criança que se utiliza da agressão para sentir-se bem, tende a reforçar a violência mantendo-se num status social vulnerável (o de agressor), aumentando ainda mais o ciclo da violência. Para explicar a vitimização entre pares (*bullying*) foi testada uma equação de regressão múltipla. Isolando-se a variável dependente - vitimização - utilizou-se como preditores: sexo, habilidades sociais e agressividade. O modelo foi significativo e explicou 49% da variância ($R=0,496$). Os resultados apontam que a agressividade prediz o *bullying* ($\beta=0,486$, $p<0,05$), mas sexo e habilidades sociais não apareceram como preditores. Neste caso, pode-se supor que se a criança for agressiva, mesmo apresentando um bom repertório de habilidades sociais, tem chances de ser vitimizada, independente se for menina ou menino.

Diante destes resultados, infere-se que o comportamento agressivo pode ser entendido como um fator de risco para a vitimização. Sabe-se, através da observação direta, que a criança agressiva pode apresentar dificuldade de relacionamento e vivenciar situação de estresse social constante. Estes fatores, no entanto, estão intimamente relacionados como fatores de risco para a vitimização (Campbell & Morrison, 2007; D'ésposito, 2007). Este achado confirma os estudos aprofundados de Lisboa (2005), em sua tese de doutorado, na qual afirma que o comportamento agressivo individual pode ser identificado como um fator de risco para a vitimização, porém, se a criança agressiva tiver boas amizades, isto poderá servir como um fator de proteção, impedindo-a de ser vitimizada pelos seus pares.

Os dados apontam, portanto, que as habilidades sociais não são preditores significativos de situações de *bullying*, revelando neste caso que ter boas ou deficitárias habilidades, por si só, não determina que a criança agressiva consiga evitar ou causar situações de agressividade. Com base neste resultado, as habilidades sociais não seja entendida como um fator de proteção, se a criança apresentar comportamento agressivo. É necessário que os vínculos de amizades saudáveis sejam cada vez mais estimulados no meio escolar e que as atividades grupais sejam mais valorizadas no intuito de impedir o isolamento e, conseqüentemente, situações de vitimização.

A partir desta perspectiva supõe-se que outros fatores podem estar influenciando, de forma importante, como os aspectos individuais, grupais e socioculturais existentes em nossa

sociedade. Sendo assim, futuras pesquisas poderão continuar questionando sobre o perfil das habilidades sociais dos agressores e vítimas, assim como, sobre os fatores de risco e proteção, considerando as influências do meio em que este indivíduo está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo investigou as habilidades sociais e o processo de *bullying*. Foi possível identificar que o fenômeno da violência baseia-se numa dinâmica social complexa nos quais outros aspectos podem contribuir de forma significativa para a criança se tornar vítima já que o fato de possuir boas habilidades não protege o indivíduo de se envolver em situações de *bullying*. Acredita-se que a agressividade contribui fortemente para a criança sofrer a vitimização e que é necessário combater este tipo de comportamento que permeia, cada vez mais, as escolas e outros ambientes nos quais os jovens estão diretamente envolvidos.

Alguns fatores, tais como as crenças disfuncionais em relação à agressão (características pessoais), bem como a influência da transgeracionalidade das práticas parentais podem colaborar na perpetuação da violência. Além disso, aspectos socioculturais também podem ser determinantes neste processo, como a influência da mídia, por exemplo, que não podem ser desconsiderados.

O estudo atingiu suas metas de forma parcial, pois não foi possível analisar as subescalas referentes às habilidades sociais, devido à baixa consistência interna (Alfa de Cronbach). Porém, os achados esclarecem ainda mais sobre as vicissitudes envolvidas na temática do *bullying* no que tange às habilidades sociais. Encontrou-se que, mesmo a criança tendo boas habilidades sociais está em risco para sofrer o *bullying* se ela apresentar um comportamento agressivo. Este dado leva-nos a pensar que, neste caso, ter um bom repertório de habilidades sociais não significa estar protegido do *bullying*.

Nota-se que os participantes responderam somente um questionário de auto-avaliação sobre as habilidades sociais, o que por alguns autores isto é criticado ou, ainda, questionado sobre a sua confiabilidade (Del Prette & Del Prette, 2002). Neste caso, crianças podem ter dificuldade em reconhecer suas características e comportamentos, ou podem mascará-los por certos temores. Pesquisas futuras podem utilizar outras duas versões do instrumento SSRS-BR - (*Social Skills*

Rating System, Gresham & Elliott, 1990) referentes às opiniões dos professores e pais sobre as habilidades sociais dos alunos.

É necessário, ainda, a realização de pesquisas visando à construção de instrumentos com base nesta temática, em particular a auto-avaliação de crianças, em vista da relativa escassez de estudos a este respeito. Frente a problemática do bullying, é importante ressaltar que no Brasil existem poucos programas de enfrentamento do *bullying* sendo desenvolvidos nas escolas e que existem poucas publicações nacionais sobre avaliação de efetividade de programas de prevenção da violência (Peres *et al.*, 2010). Neste sentido, acredita-se que a atual pesquisa possa contribuir no embasamento teórico e empírico em relação à elaboração de futuros projetos de pesquisa na área de Doutorado e auxiliar a implementação e execução de programas anti *bullying* nas escolas brasileiras.

O Programa Aulas em Paz, por exemplo, realizado inicialmente na Colômbia pelo pesquisador Enrique Chaux e sua equipe, tem demonstrado resultados e avanços significativos na diminuição dos índices do *bullying* escolar através do treinamento das competências e habilidades sociais por meio da participação da escola, dos pais e da comunidade em geral (Chaux, 2010). É possível, portanto, realizar uma avaliação deste programa pré-pós intervenção para, posteriormente, implementá-lo no Brasil, seja nas escolas públicas e privadas, tendo este programa como modelo a ser seguido baseando-se nas possíveis adaptações que poderão ser realizadas para a população brasileira. Defende-se, no caso, o programa de enfrentamento como uma das alternativas capaz de atender de forma ampla e efetiva a complexidade da dinâmica do fenômeno *bullying* nas escolas com base no conhecimento técnico-científico.

Estudos futuros podem colaborar no entendimento das habilidades sociais de jovens envolvidos no processo de *bullying* no sentido de construir estratégias específicas para cada demanda referentes às questões de gênero, transtornos de personalidades, portadores de deficiência em geral. A escola, portanto, por apresentar um potencial estratégico para tecer relações com a comunidade e, especialmente, com a família, poderá resgatar e fomentar valores morais e o comprometimento social de todos através da prevenção e solução não-violenta de conflitos. Portanto, defender a tolerância, a solidariedade e o diálogo é um dever de todos -, sejam leigos, pesquisadores ou profissionais. A diferença está apenas nas ferramentas em que serão disponibilizadas e aperfeiçoadas ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A. M. T. (2000). *As relações entre pares em idade escolar*. Braga: Bezerra.
- Almeida, L. S., & Lisboa, C. S. M. . (2011, no prelo). Aspectos Gerais da Intervenção no Bullying. In: Vinicius Dornelles, Cristina Sayao. (Org.), *Bullying e Avaliação e Interação em Terapia Cognitivo Comportamental*. Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Almeida, S. B., Cardoso, L. R. D., & Costac, V. V. (2009). Bullying: Conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar. *Psicologia Argumento*, 27(58), 201-206.
- Almeida, S. M. N. S., Alencar, M. L., & Fonseca, A. S. A. (2009). Programa de Mediação de Conflitos Escolares. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.
- Andreou, E. (2006). Social preference, perceived popularity and social intelligence: Relations to overt and relational aggression. *School Psychology International*, 27, 339-351.
- Antunes, D. C., & Zuin, A. A. S. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), p.16-32.
- Baldry, A. C., & Farrington, D. P. (2000). Bullies and Delinquents: Personal Characteristics and Parental Styles. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 10, 17-31.
- Bandeira, M., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., & Magalhães, T. (2009). Validação das Escalas de Habilidades Sociais, Comportamentos Problemáticos e Competência Acadêmica (SSRS-BR) para o Ensino Fundamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), p. 271-282.
- Bandeira, M., Rocha, S. S., Pires, L. G., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Competência acadêmica de crianças do Ensino Fundamental: características sociodemográficas e relação com habilidades sociais. *Interação em Psicologia*, 10(1), p. 53-62
- Bandura, A. (1969). *Modificação do comportamento*. Rio de Janeiro: Interamericana.
- Baraldi, D. M., & Silveiras, E. F. M. (2003). *Treino de habilidades sociais em grupo com crianças agressivas, associado à orientação dos pais: análise empírica de uma proposta de*

- atendimento*. In A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.), *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 235-258). Campinas: Alínea.
- Beane, A. L. (2010). *Proteja seu filho do bullying: impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles*. Rio de Janeiro: BestSeller.
- Beck, J. (1997). *Terapia cognitiva: teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bejerot, S., Edgar, J., & Humble, M. B. (2010). Poor performance in physical education - a risk factor for bully victimization. A case-control study. *Acta Pædiatrica*, 100, 413-419.
- Bierman, K. L., Coie, J. D., Kenneth, A. D., Greenberg, M. T., Lochman, J. E., McMahon, R. J., & Pinderhughes, E. E. (1999). Initial Impact of the Fast Track Prevention Trial for Conduct Problems: II. The High-Risk Sample. Conduct Problems Prevention Research Group. *Journal of Consulting and Clinical Psychology* 67(5), 631-647.
- Biggs, M. J. G., Simpson, C., & Gaus, M. D. (2010). Using a Team Approach to Address *bullying* of Students with Asperger's Syndrome in Activity-based Settings. *Children & Schools*, 32 (3), 135-142.
- Binsfeld, A. R., & Lisboa, C. S. M. (2010). Bullying: um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar do Sul do Brasil. *Interpersona: an International Journal on Personal Relationships*, 4(1), 74-105.
- Björkqvist, K., & Oesterman, K. (2000). Social intelligence - empathy = aggression? *Aggression and Violent Behavior*, 5, 191-200.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento. *Estudos de Psicologia*, 5, 227-235.
- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, G., Montagner, A. R., Bandeira, M., & Del Prette, A. (2006). *Habilidades Sociais no Brasil: Uma análise dos estudos publicados em periódicos*. In M. Bandeira, Z. A. P. Del Prette & A. Del Prette, (Orgs.), *Estudos Sobre Habilidades sociais e Relações Interpessoais* (pp. 1-45). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Bowers, L., Smith, P. K., & Binney, V. (1992). Cohesion and power in the families of children involved in bullying problems at school. *Journal of Family Therapy*, 14, 371-387.
- Caballo, V. (2003). *Manual de avaliação e treinamento em habilidades sociais*. São Paulo: Santos Livraria e Editora.
- Calvetti, P. Ü., Muller, M. C., & Nunes, M. C. T. (2007). Psicologia da Saúde e Psicologia Positiva: Perspectivas e Desafios. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4), 706-717.
- Campbell, M. L. C., & Morrison A. P. (2007). The relationship between bullying, psychotic-like experiences and appraisals in 14-16-year olds. *Behaviour Research and Therapy*, 45(7), 1579-1591, 2007.
- Caravita, S. C. S., Blasio, P. D., & Salmivalli, C. (2010). Early Adolescents' Participation in Bullying: Is ToM Involved? *Journal of Early Adolescence*, 30(1) 138-154.
- Caravita, S. C. S., & Blasio, P. D. (2009). Unique and Interactive Effects of Empathy and Social Status on Involvement in Bullying. *Social Development*, 18(1), 140-163.
- Castro, R. E. F., Melo, M. H. S., & Silveiras, E. F. M. (2003). O Julgamento de Pares de Crianças com Dificuldades Interativas após um Modelo Ampliado de Intervenção. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), 341-358.
- Catini, N. (2004). *Problematizando o bullying para a realidade brasileira*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, PUC-Campinas, São Paulo.
- Chaux, E. (2007). Aulas en Paz: A Multicomponent Program for the Promotion of Peaceful Relationships and Citizenship Competencies. *Conflict Resolution Quarterly*, 25(1), 1-8.
- Chaux, E. (2010). *Aulas en Paz: Competencias ciudadanas y prevención*. En: A.M. Foxley (Ed.). *Aprendiendo a vivir juntos*. Seminario Internacional: ¿Cómo promover una convivencia escolar sin violencia (pp. 81-106). Santiago, Chile: UNESCO.

- Comodo, C. N., & Del Prette, A. (2010). *Intergeracionalidade das habilidades sociais e a qualidade da relação entre pais e seus filhos*. Dissertação de Mestrado não-publicada. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.
- Corrêa, C. I. M. (2008). *Habilidades sociais e educação : programa de intervenção para professores de uma escola pública*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista.
- Cunningham, C., Cunningham, L. J., Martorelli, V., Tran, A., Young, J., & Zacharias, R. (1998). The effects of primary division, student-mediated conflict resolution programs on playground aggression. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 39, 653-662.
- Dautenhahn, K., Woods, S., & Kaouri, C. (2007). *Possible connections between bullying behaviour, empathy and imitation*. In K. Dautenhahn, & C. Nehaniv (Eds.) *Models and mechanisms of imitation and social learning in robots, humans and animals: Behavioural social and communicative dimensions* (pp. 323-339). Cambridge: Cambridge University Press.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2010). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2003). *Aprendizagem socioemocional na infância e prevenção da violência: Questões conceituais e metodologia da intervenção*. In A. Del Prette & Z. A. P. Del Prette (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção* (pp. 83-128). Campinas: Alínea.
- _____ (2008). Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(41), 54-69.
- _____ (2002). Avaliação de Habilidades sociais de crianças com um inventário Multimídia: Indicadores sociométricos associados a frequência Versus Dificuldade. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 7(1), p. 61-73.

- DeRosier, M. E. (2004). Building friendships and combating bullying: Effectiveness of a school-based social skills group intervention. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 33*(1), 196-201.
- DeRosier, M. E., & Marcus, S. R. (2005). Building friendships and combating bullying: Effectiveness of S.S.GRIN at one-year follow-up. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 34*, 140 - 150.
- D'esposito, S. E. (2007). Peer aggression among adolescents: Characteristics of the victims. *Dissertation Abstracts International Section A: Humanities and Social Sciences, 67*(8-A)
- Dishion, T. J., & Dodge, K. A. (2005). Peer Contagion in Interventions for Children and Adolescents: Moving Towards an Understanding of the Ecology and Dynamics of Change. *Journal of Abnormal Child Psychology, 33*(3), 395-400.
- Espelage, D. L., & Swearer, S. M. (2004). *Bullying in American schools: A social-ecological perspective on prevention and intervention*. Mahway, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Falcone, E. (2000). *Habilidades sociais: para além da assertividade*. In R. C. Wielenska (Org.). *Sobre Comportamento e Cognição: Questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas e em outros contextos* (pp. 211-221). São Paulo: SET.
- Falcone, E. M. O. (1999). A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 1*, 23-32.
- Falcone, E. M. O. (2001). *Uma proposta de um sistema de classificação das habilidades sociais*. In H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* (pp.195-209). Santo André: ESETEC.
- Falcone, E. M. O., Carneiro, R. S., Chicayban, L. M., Oliveira, M. G. S., Pedrozo, A. L. B. & Ferreira, M. C. (2001). *A construção de um sistema de classificação das habilidades sociais* [Resumo]. Em: Congresso Iberoamericano de Psicologia Clínica e da Saúde (Org.). *Avanços Recentes em Psicologia Clínica e da Saúde. Resumo do II Congresso Iberoamericano de Psicologia Clínica e da Saúde* (p. 371). Guarujá: APICSA.

- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência das escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus Editora.
- Fante, C., & Pedra, J. A. (2008). *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed.
- Farmer, T. W., & Xie, H. (2007). Aggression and school social dynamics: The good, the bad, and the ordinary. *Journal of School Psychology, 23*, 876-987.
- Fekkes, F. I. M., Pijpers, I., & Verloove-Vanhorick, S. P. (2004). Bullying: who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in *bullying* behavior. *Health Education Research. Theory & Practic, 20*(1), 541-552.
- Fox, C. L., & Boulton, M. J. (2006). Friendship as a Moderator of the Relationship Between Social Skills Problems and Peer Victimization. *Aggressive Behavior, 32*(2), 110-121.
- Fox, C. L., & Boulton, M. J. (2005). The social skills problems of victims of bullying: self, peer and teacher perceptions. *British Journal of Educational Psychology, 75*(2), 313-28.
- Fox, C. L., & Boulton, M. J. (2006). Longitudinal associations between submissive/nonassertive social behavior and different. *British Journal of Educational Psychology, 75*(2), 301-17.
- Gajardo, M. (2009). *Detener la violencia en las escuelas: Programas que aciertan en América Latina*. In C. Berger & C. Lisboa (Eds.), *Agresión en contextos educativos: reportes de la realidad Latinoamericana* (pp. 233-256). Santiago de Chile: Universitaria.
- Gálvez, J. D. F., & Castilhos, M. A. R. (2002). Programa de habilidades sociales para mejorar la convivencia. *Revista electrónica interuniversitaria de formación del profesorado, 5*(5), 54-69.
- Garner, P. W., & Hinton, T. S. (2010). Emotional Display Rules and Emotion Self-Regulation: Associations with *bullying* and Victimization in Community-Based After School Programs. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 20*, 480-496.
- Garringer, M. (2008). *Bullying Prevention and Intervention*. Department of Education - Office of Safe and Drug- Free Schools. Mentoring Resource Center in the Case Study.

- Gini, G., Albiero, P., Benelli, B., & Altoè, G. (2007). Does empathy predict adolescents' *bullying* and defending behavior? *Aggressive Behavior*, *33*, 467-476.
- Gresham S., & Elliott, S. (1990). *Social Skills Rating System Manual*. Circle Pines, MN: American Guidance Service.
- Hallama, S. (2009). An evaluation of the Social and Emotional Aspects of Learning (SEAL) programme: promoting positive behaviour, effective learning and well-being in primary school children, *Oxford Review of Education*, *35*(3), 313-330.
- Hamiwka, L. D., Yu, C. G., Hamiwka, L. A., Sherman, E. M.S., Anderson, B., & Wirrell, E. (2009). Are children with epilepsy at greater risk for *bullying* than their peers? *Epilepsy & Behavior* *15*, 500-505.
- Hattie, J. (2008). *Visible learning: A synthesis of over 800 meta-analyses relating to achievement*. New York, NY: Routledge.
- Hawker, D. S. J., & Boulton, M. J. (2000). Twenty years research on peer victimization and psychosocial maladjustment: a meta-analytic review of cross sectional studies. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *41*, 441-455.
- Hawley, P. (2003). Strategies of control, aggression, and morality in preschoolers: An evolutionary perspective. *Journal of Experimental Child Psychology*, *85*, 213-235.
- Hirschstein, M. K., Edstrom, L. V.S., Frey, K.S., Snell, J. L., & MacKenzie, E. P. (2007) Walking the Talk in *bullying* Prevention: Teacher Implementation Variables Related to Initial Impact of the Steps to Respect Program. *School Psychology Review*, *36*(1), 3-21.
- Hodges, E. V. E, Malone, M. J., & Perry, D. G. (1997). Individual risk and social risk as interacting determinants of victimization in the peer group. *Developmental Psychology*, *33*,1032-1039.
- Hodges, E. V. E., & Perry D. G. (1999). Personal and interpersonal antecedents and consequences of victimization by peers. *Journal of Personality and Social Psychology*, *76*,677-685.

- Hoover, J. H., & Oliver, R. (1996). *The bullying prevention handbook: A guide for principals teachers, and counselors*. Bloomington, IN: National Educational Service.
- Horne, A. M., Orpinas, P., Newman-Carlson, D., & Bartolomucci, C. L. (2004). *Elementary school bully busters program: Understanding why children bully and what to do about it*. In D. L. Espelage & S. M. Swearer (Eds.), *Bullying in American schools: A social-ecological perspective on prevention and intervention* (pp. 512-574). Mahway, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Houlston, C., & Smith, P. K. (2009). The impact of a peer counselling scheme to address *bullying* in an all-girl London secondary school: A short-term longitudinal study. *British Journal of Educational Psychology, 79*, 69-86
- Hubbard, J. A., & Coie J. D. (1994). Emotional correlates of social competence in children's peer relationships. *Merril-Palmer Quarterly, 40*, 1-20.
- Hutz, C. S., & Bardagir, M. P. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: a influência dos estilos parentais. *Psico USF, 11*(1), 65-73.
- Jacobson, R. B. (2010). A Place to Stand: Intersubjectivity and the Desire to Dominate. *Studies in Philosophy and Education, 29*,35-51
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006). Examining the Relationship Between Low Empathy and Bullying. *Aggressive Behavior, 32*, 540-550.
- Kaukiainen, A., Björkqvist, K., Lagerspetz, K., Österman, K., Salmivalli, C., Rothberg, S., *et al.* (1999). The relationships between social intelligence, empathy, and three types of aggression. *Aggressive Behavior, 25*, 81-89.
- Keyes, C. L. M., & Haidt, J. (2003). *Flourishing: Positive psychology and the life well lived*. Washington DC: American Psychological Association.
- Kimber, B., Sandell, R., & Bremberg, A. (2008). Social and emotional training in Swedish schools for the promotion of mental health: an effectiveness study of 5 years of intervention. *Health Education Research, 23*(6), 931-940.

- Kristensen, C. H., Schaefer, L. S., Rigoli, M. M., Busnello, F. B., & Calbo, A. S. (2009). Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. *Contextos Clínicos*, 2(2),73-80.
- LaFontana, K. A., & Cillessen, A. H. N. (2002). Children's perceptions of popular and unpopular peers: A multimethod assessment. *Developmental Psychology*, 38, 635–647.
- Land, B., & Lisboa, C. S. M. (2011). *Bullying, estilos parentais e socio-cognições: um estudo quantitativo*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Larke, I. D., & Beran, T. N. (2006). The relationship between *bullying* and social skills in primary school students. *Issues In Educational Research*, 16(1), 514-522.
- Lease, A. M., Musgrove, K. T., & Axelrod, J. L. (2002). Dimensions of social status in preadolescent peer groups: Likeability, perceived popularity, and social dominance. *Social Development*, 11, 508-533.
- Lecannelier, F. (2005). *Un proyecto bullying para la detección e intervención de la violencia escolar entre pares en Chile*. Memorias de las XII Jornadas de Investigación y Primer Encuentro de Investigadores del MERCOSUR, Buenos Aires, Argentina.
- Lee P. G., Abdullaha, M. C., & Jegak H. E. (2010). Development of Antisocial Behaviour *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 7, 383-388.
- Lisboa, C. S. M. (2005). *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: Fatores de risco e proteção*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Lisboa, C., Braga, L. L., & Ebert, G. (2009) O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, 2(1) 59-71.
- Lopes Neto A. A. (2005). *Bullying* - comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5) 164-172.

- Lopes, D. C. (2009). *Recursos multimídia na promoção de habilidades sociais em crianças com dificuldade de aprendizagem*. Daniele Carolina Lopes. São Carlos : UFSCar.
- Lopes-Neto, A. (2005). *Diga não para o bullying*. Rio de Janeiro: Abrapia.
- Lumeng, J. C., Forrest, P., Appugliese, D. P., Kaciroti, N., Corwyn, R. F., & Bradley, R. H. (2010). Weight Status as a Predictor of Being Bullied in Third Through Sixth Grades. *Pediatrics*, 125(6), 1526-1531.
- Middelton-Moz, J. E., & Zawadski, M. (2007). *Bullying: Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos*. Porto Alegre: Artmed.
- Morais, N., & Koller, S. (2004). *Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, Psicologia positiva e resiliência: ênfase em saúde*. In S. H. Koller (Org), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 91-107). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nansel, T., Craig, W., Overpeck, M. D., Saluja, G., & Ruan, J. (2004). Health Behavior in School-aged Children *bullying*: Cross-national consistency in the relationship between *bullying* behaviors and psychosocial adjustment. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 158, 730-736.
- Niemela, A. Brunstein-Klomek, B. L., Sillanmäki, C., Helenius, C., Piha, D., Kumpulainen, E. *et al.* (2010) Sourander d Childhood *bullying* behaviors at age eight and substance use at age 18 among males. A nationwide prospective study. *Addictive Behaviors*, 36, 256-260.
- Ok, S., & Aslan, S. (2010). The school *bullying* and perceived parental style in adolescents. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 5, 536-540.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. London, Blackwell.
- Olweus, D. (2004). *The Olweus bullying Prevention Programme: design and implementation issues and a new national initiative in Norway*. In P. K. Smith, D. Pepler, D. & K. Rigby (Eds), *Bullying in schools. How successful can interventions be?* (pp. 13-36). Cambridge, University Press.

- Pajares, F., & Hobbes, C. (2002). Sources of writing self-efficacy beliefs of elementary, middle, and high school students. American Educational Research Association (Org.), *Encontro da American Educational Research Association*. Montreal, CA.
- Palma, L. S. V., & Del Prette, Z. A. P. (2011). Habilidades Sociais em Pacientes Crônicos Renais. *Monografia do Curso de Psicologia* [em andamento]. Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia.
- Paludo S. S., & Koller S. H. (2004). *Inserção ecológica no espaço da rua*. In Koller SH (Ed). *Ecologia do Desenvolvimento Humano: Pesquisa e Intervenção no Brasil* (pp. 219-244). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pavarino, M. G., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, 36 (2), 127-134.
- Pearce J. B., Thompson, A. C. (1998). Practical approaches to reduce the impact of bullying. *Archives of Disease in Childhood*, 79, 528-31.
- Peeters, M., Cillessen, A. H. N., & Scholte, R. H. J. (2010). Clueless or Powerful? Identifying Subtypes of Bullies in Adolescence. *Journal Youth Adolescence*, 39, 1041-1052.
- Pelegrini, J., & Martins, S. N. (2010). A história da mulher no trabalho: da submissão às competências. Um resgate histórico e as lajeadenses neste contexto. *Revista Destaques Academicos*, 2(2), 41-52.
- Pellegrini, A. D., & Long, J. D. (2004). Part of the solution and part of the problem: The role of peers in bullying, dominance, and victimization during the transition from primary school through secondary school. In D. L. Espelage & S. M. Swearer (Eds.), *Bullying in American schools: A social-ecological perspective on prevention and intervention*. Mahway, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Peres, M. F. T., Ruotti, C., Vicentin, D., Almeida, J. F., & Freitas, T. V. (2010). Avaliação de programas de prevenção da violência: um estudo de caso no Brasil. *Revista Brasileira de Adolescência e Conflitualidade*, 2, 58-71.

- Pesce, R., Assis, S., Santos, N., & Oliveira, R. (2004) Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 135-143.
- Raskauskas, J. L., Gregory, J., Harvey, S. T., Rifshana, F., & Evans, I. M. (2010). *Bullying among primary school children in New Zealand: relationships with prosocial behaviour and classroom climate. Educational Research*, 52(1), 1-13.
- Reiter, S., & Lapidot-Lefler, N. (2007). *Bullying among special education students with intellectual disabilities: Differences in social adjustment and social skills. Intellectual and Developmental Disabilities*, 45(3), 174-181.
- Rigby, K. (2002). *New perspectives on bullying*. London: Jessica Kingsley.
- Ryan, W., Smith, J. D. (2009) Anti-bullying Programs in Schools: How Effective are Evaluation Practices? *Prevention Science*, 10(3), 248-259.
- Salmivalli, C. & Voeten, M. (2004). Connections between attitudes, group norms, and behaviour in bullying situations. *International Journal of Behavioral Development*, 28(3), 246-258.
- Salmivalli, C., Lagerspetz, K., Björkqvist, K., Österman, K., & Kaukiainen, A. (1996). *Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group. Aggressive Behavior*, 22, 1-15.
- Salvo, G. C., Mazzarotto, I. H. K., & Löhr, S. S. (2005). Promoção de habilidades sociais em pré-escolares. *Revista Brasileira de crescimento desenvolvimento Humano*, 15(1), 54-64.
- Schultz, D., Tharp-Taylor, Shannah, Haviland, A., & Jaycox, L. (2009). The relationship between protective factors and outcomes for children investigated for maltreatment. *Child Abuse & Neglect*, 33, 684-698.
- Seidl, E., & Zannon, C. (2004) Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(2), 580-582.

- Silva, A. T. B., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2000) Relacionamento pais-filhos: um programa de desenvolvimento interpessoal em grupo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 3(3), 203-215
- Silva, G. P. G (2011). Estratégias e habilidades sociais para prevenir e diminuir a violência na escola. *III Seminário Internacional de Habilidades Sociais*. Painel. Agosto de 2011. Taubaté: São Paulo.
- Smith, P. K., & Brain, P. (2000). *Bullying* in schools: lessons from two decades of research. *Aggressive Behavior*, 26, 1-9.
- Sourander, A., Jensen, J., Ronning, H., Elonheimo, S., Niemela, H., Helenius, K. *et al.* (2007). *Childhood Staudinger*. Washington: American Psychological
- Sutton, J., Smith, P. K., & Swettenham, J. (1999). *Bullying* and ‘Theory of Mind’: A Critique of the ‘Social Skills Deficit’ View of Anti-Social Behaviour. *Social Development*, 8(1), 117-127.
- Torres, J. V., & Acevedo, F. L. (2009). *Violencia Escolar (bullying): Qué es y como intervenir?* Centro de Estudios Evolutivos e Intervención en el Niño (CEEIN). Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Psicologia. Universidad del Desarrollo.
- Tremblay, R. E., Pagani, L. Mâsse, L. C., Pagani, F., & Pihl, R. O. (1995). A bimodal preventive intervention for disruptive kindergarten boys: Its impact through mid-adolescence. *Journal of Consulting & Clinical Psychology*, 63, 560-568.
- Trombeta, L. H., & Guzzo, R. S. L. (2002). *Enfrentando o Cotidiano Adverso: Estudo sobre Resiliência em Adolescentes*. Campinas, Alínea.
- Vreeman, R. C., & Carroll, A. E. (2007). A systematic review of school-based interventions to prevent bullying. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 161(1), 78-88.
- Wagner, A., & Bem, L. A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 63-71.

- Warden, D., & S. Mackinnon. (2003). *Prosocial children, bullies, and victims*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Wiener, J., & Mak, M. (2009). Peer Victimization in Children with Attention Deficit/Hyperactivity Disorder. *Journal of Child Health Care, 11*(3), 248-260.
- Woods, S., Wolke, D., Nowicki, S., & Hall, L. (2009) Emotion recognition abilities and empathy of victims of bullying. *Child Abuse & Neglect, 33*(5), 307-311.
- Yunes, M. A. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo, 8*, 75-84.
- Zegarra, S. P., Barrón, R. G., Marqués, C. M., Berlanga, J. F., & Pallas, C. M. (2009). Diferencias conductuales según género en convivencia escolar. *Psicolhema, 21*(3), 453-458.